

02 REFERÊNCIAS ELOGIOSAS**03 EDITORIAL****04 AGENDA NOTICIOSA**

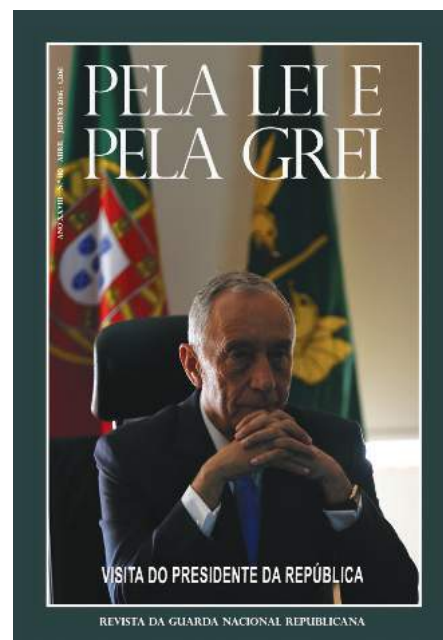
- 04 Aniversários:
 Unidade de Segurança e Honras de Estado
 06 105.º Aniversário da Guarda Nacional Republicana
 18 Comando Territorial de Lisboa
 20 Unidade de Intervenção
 22 Comando Territorial de Coimbra
 24 Comando Territorial de Viseu
 26 Visitas:
 Curso de Promoção a Oficial General
 27 Curso de Estado-Maior Conjunto
 28 Tomadas de Posse:
 2.º Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana
 29 Comandante do Comando de Doutrina e Formação
 30 Comandante da Unidade de Ação Fiscal
 31 1.º Curso de Técnicos Especialistas em Inativação de Engenheiros Explosivos Improvisados
 33 Demonstração de Meios da GNR
 35 Dia Mundial da Criança

36 TEMA DE CAPA

- 36 O Presidente da República visita a Guarda Nacional Republicana
 45 Mensagem de Sua Excelência o Presidente da República

49 ESTUDO

- 49 Como se forma um terrorista jihadista no Ocidente: Processo de radicalização



Sua Excelência o Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, assiste atentamente ao brifingue sobre a Guarda.

Ficha Técnica

Comando-Geral da GNR, Largo do Carmo - 1200-092 Lisboa; Tel.: 213217354/294 — Fax 213217159;

E-mail geral: revista@gnr.pt;

Diretor: Bartolomeu Nuno de Guanilho da Costa Cabral, Coronel de Cavalaria (ReF)

Chefe da Divisão Revista: Carlos Manuel Pona Pinto

Carreira, Coronel de Administração Militar

E-mail: revista.direccao@gnr.pt

I Redação: Fernando Custódio Borges, Cabo-Chefe de Cavalaria;

Cláudio Alexandre, Guarda Principal de Infantaria

I Serviços Administrativos: Carla Almeida, Cabo de Infantaria;

José Rasteiro, Guarda Principal de Infantaria

I Revisão Ortográfica: Vasco Zacarias, Cabo de Infantaria

I Fotografia: Arquivo da Revista, Autores e Secção de Audiovisuais da GNR

I Execução Gráfica: Gráfica/GNR. **I Tiragem:** 2.600

Exemplares. Depósito Legal N.º 26875/89. ISSN:

1645-9253. Preço Capa: € 1,20

Assinatura Anual: € 6,00; Ano XXVIII - N.º 110 — abril - junho de

2016. Publicação Trimestral.

Os artigos assinados manifestam a opinião dos seus au-

tores e não, necessariamente, um ponto de vista oficial.

No ano de 2012 entraram em vigor as normas constan-

tes do Acordo Ortográfico. A Revista da Guarda, atendendo

aos muitos artigos em carteira e às opções dos seus autores

vai progressivamente implementando as novas normas,

coexistindo as duas formas de escrita.

Apelamos, por isso, à compreensão dos nossos leitores

Referências Elogiosas

Ao Comando da Guarda chegou uma missiva que a seguir se transcreve da Comissão Executiva para a Homenagem Nacional aos Combatentes:

“Passadas que foram as cerimónias promovidas por esta Comissão no pretérito dia 10, Dia de Portugal, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, é meu dever expressar a V. Exa. os maiores agradecimentos pela disponibilidade sempre manifestada pelo Comando-Geral da GNR. Ênfase merece a participação do Major-General Santos Correia que nos honrou com a sua presença em representação do Comandante-Geral.

Esta Comissão teve este ano a prazer de poder contar com o trabalho e dedicação do Oficial de Ligação dessa GNR, Major Diogo Dores, que se imbuíu do espírito de trabalho, se irmanou com a nossa missão e deu um contributo valioso e amigo para o seu sucesso.

Realce merece também a forma como a Banda de Música dessa Instituição, dirigida pelo Sargento-Chefe Alberto Sousa, que valorizou toda a cerimónia, quer através de um concerto, quer na participação nas cerimónias militares, onde se distinguiram a Fanfarra e o Requinta.

A participação do Trio de Cometás deu extraordinário brilho à missa realizada na Igreja dos Jerónimos. O som estridente dos clarins projectou ainda mais alto a alma de todos os assistentes pelo que, por merecido, muito gostaria que esta apreciação chegasse ao seu conhecimento.

Destaco por último, a participação do Grupo Coral da Cantares Alentejanos da GNR que cantou durante a missa nos Jerónimos e a todos encantou pela sua qualidade. Também junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, cantou a moda "Adeus Cantinho da Serra", com letra adequada à cerimónia que ia começar, que deixou o público muito agradado.

Reiterando os meus agradecimentos, aproveito para apresentar a Vossa Excelência os meus melhores cumprimentos

O Presidente da Comissão
Victor Lopo Cajarabille
Vice-Almirante

Ao Comando da Guarda chegou uma missiva do Agrupamento de Escolas de Colos, que a seguir se transcreve:

“Pela disponibilidade manifestada e pelo empenho e capacidades demonstradas durante a realização da atividade de Prevenção Rodoviária em que os agentes da GNR do Posto de Colos e da Escola Segura articularam com o Clube da Proteção Civil do Agrupamento de Escolas de Colos no passado dia 6 de abril, apresenta a direção do referido Agrupamento os seus agradecimentos.

Por se considerar que estas iniciativas são de extrema pertinência e importância, quando se educa crianças e jovens no sentido da prevenção Rodoviária, espera-se que, nos anos letivos vindouros, se possa continuar a desenvolver este tipo de atividades com a imprescindível colaboração dos vossos agentes.

Sem outro assunto de momento, subscrevemo-nos com a máxima consideração.

Com os melhores cumprimentos,

Adjunta de Direção
Felismina Covas

Ao Comando da Guarda chegou uma missiva da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Odemira que a seguir se transcreve:

“Vimos agradecer na sua pessoa, ao operacional da Guarda Nacional Republicana que presta serviço no posto que V.Ex.^a comanda, pela coragem demonstrada, desempenho notável e ajuda prestada aos nossos elementos durante a missão de resgate da vítima que caiu num penhasco, perto da Praia dos Machados, freguesia de São Teotónio, no passado dia 21 de Maio de 2016.

Lamentamos algumas falhas nossas que possamos ter cometido, mas enaltecemos a importância da vossa colaboração na tentativa de resgate da vítima com vida, algo que infelizmente não foi possível derivado à gravidade dos ferimentos que apresentava.

Muito obrigado.

Sem outro assunto de momento, com os melhores cumprimentos.”

O Comandante
Nazário Duarte Viana



O ano de 2016 fica registado de forma indelével na História da Guarda, como aquele em que a Instituição recebeu, no mesmo semestre, com um intervalo aproximado de quatro meses, as visitas oficiais de dois Presidentes da República. O Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva despediu-se da Guarda, em 11 de Fevereiro, no Centro de Formação de Portalegre, no término do seu segundo mandato como Chefe de Estado; e o actual Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, efectuou a sua primeira deslocação oficial à Guarda, em 14 de Junho, visitando o seu Comando-Geral sediado no Quartel do Carmo. Como referimos anteriormente, “a circunstância de a Guarda receber uma visita oficial de um Presidente da República é um acontecimento com grande relevância e de profundo significado, quer no plano institucional, quer no do reconhecimento do serviço prestado por aqueles que nela servem”. No caso de

um Presidente que a visita oficialmente, aquando da assumpção do seu múnus, a sua presença mostra inexoravelmente o seu apreço pela Instituição e a vontade de aprofundar o seu conhecimento desta Força de Segurança, das suas missões e atribuições. Foi nesse sentido, que o Tenente-General Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana expôs ao Presidente da República a dimensão e posição de relevo deste Corpo Especial de Tropas na Protecção e Defesa de Pessoas e Bens; e o seu envolvimento e contributo nos e para os Sistemas de Segurança Interna, Defesa e Protecção Civil.

Uma panóplia de fotografias, tiradas em diversas fases da visita, dá a conhecer o percurso e os locais visitados e a forma atenciosa e simpática como Sua Excelência, o Presidente da República, interagiu com os militares da Guarda.

Durante o trimestre a que esta publicação respeita, no dia 3 de Maio, comemorou-se mais um aniversário da Guarda, com a cerimónia principal a decorrer na sua Escola, em Queluz, onde o Comandante-Geral discursou.

Expressou a sua elevada confiança nos militares e civis que servem na Guarda Nacional Republicana e nos valores intemporais que os norteiam, enaltecendo, em paralelo, os seus elevados padrões de desempenho profissional, que prosseguem independentemente das conjunturas. Terminou, exortando aqueles “a cumprir cada vez melhor, orgulhosos do nosso passado, cientes do nosso valor e do que conseguimos no presente e confiantes no futuro, convictos de que a Guarda com empenhamento, entrega e dedicação, continuará a elevar bem alto o seu nome, garantindo a segurança e a tranquilidade públicas, como uma Força de Segurança Humana, Próxima e de Confiança”.

Quartel em Lisboa, Carmo, 29 de Junho de 2016
O Director da Revista

Bartolomeu Nuno de Guanilho da Costa Cabral
Coronel de Cavalaria (Res)

Aniversários

Unidade de Segurança e Honras de Estado



Comemorou-se o 7.º aniversário da Unidade de Segurança e Honras de Estado, com a realização de uma cerimónia militar, no Quartel do Conde de Lippe, no passado dia 05 de abril de 2016.

Este quartel foi recentemente entregue à Guarda e nele já se encontra aquartelado o Grupo de Segurança. Presidiu à cerimónia, Sua Exa., a Ministra Administração Interna, Professora Doutora Constança Urbano de Sousa. Esteve presente o Exmo. Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana, Tenente-General Manuel Mateus Costa da Silva Couto, contando com a presença de muitas entidades e convidados.

Na parada do Grupo de Segurança, no Quartel do Conde de Lippe, sob o comando do Comandante do Grupo de Honras de Estado, Tenente-Coronel de Cavalaria Duarte Reis Marques Jacinto, formou-se uma Força representativa das diversas subunidades

e dos meios e valências que empregam no cumprimento da sua missão.

As Forças em Parada foram constituídas pelo Comando, Grupo de Comando com Estandarte da Unidade, uma companhia de Infantaria a dois pelotões do Grupo de Segurança, um pelotão de cavalaria do Esquadrão Presidencial, um pelotão Motorizado composto por uma secção Moto e uma secção *Tourist Support Patrol*, a Charanga a Cavalo, um Esquadrão a Cavalo a três pelotões, sendo o 1.º Pelotão em Grande Uniforme Honorífico e o 2.º Pelotão em Uniforme de Patrulhamento, do 4.º Esquadrão, e o 3.º Pelotão equipado para Restabelecimento e Manutenção da Ordem Pública, do 3.º Esquadrão, e ainda, a Banda Marcial e Fanfarra.

A cerimónia militar decorreu nos moldes habituais

e regulamentares, destacando-se a imposição de condecorações a militares da Unidade que se evidenciaram ao serviço da Guarda Nacional Republicana e a homenagem aos militares já falecidos. Terminada a cerimónia militar com o habitual desfile das forças em parada, seguiu-se o Desfile Histórico, com alguns elementos relativos a meios de transporte, fardamento e equipamento que foi possível referenciar em vários momentos da História da Guarda. Um revisitar o passado com o espírito de honrar os que nos conduziram até este ponto de evolução da nossa História, onde se pôde apreciar mais de dois séculos de evolução, num desfile que representou algumas das principais áreas de missão da Unidade, criando uma analogia entre o passado e presente.

As comemorações foram abrilhantadas por uma empolgante demonstração do 2.º Esquadrão Moto do Grupo de Honras de Estado, executando

formações e evoluções com 17 motocicletas (Yamaha FJR 1300) com os quais esta subunidade desempenha as missões de serviço Honorífico e de bate-dores. Esta demonstração assentou nas grandes qualidades técnicas dos motociclistas deste Esquadrão, executando movimentos com rigor milimétrico, num espaço delimitado e com um motociclo que habitualmente evolui em missões com velocidades e manobras completamente diferentes das demonstradas nesta exibição.

Encerraram-se as comemorações com uma exibição da Charanga a Cavalos que, apesar de não poder exibir a sua característica distintiva de tocar peças musicais a galope, devido à dimensão e características do recinto, demonstrou o brilhantismo dos seus músicos-cavaleiros com a interpretação de um repertório preparado para este dia especial, executando-o em formação estática e em evoluções a passo e a trote.



A Guarda Nacional Republicana (GNR) celebrou no dia 3 de maio, o seu 105.º aniversário, na Escola da Guarda (EG), em Queluz, cerimónia que foi presidida pelo Exmo. Primeiro-Ministro, Dr. António Costa, contando também com a presença da Exma. Ministra da Administração Interna, Professora Doutora Constança Urbano de Sousa.

A chegada do Primeiro-Ministro e as respetivas honras militares pelas 11 horas, marcaram o início oficial deste dia de aniversário da instituição. De seguida, o Exmo. Comandante-Geral, Tenente-General Manuel Couto proferiu uma breve alocução, assim como a Exma. Senhora Ministra da Administração Interna. A cerimónia contou com um momento de condecorações, entrega de prémios e um desfile das forças em parada.

Após o desfile, os convidados de honra foram presenteados com uma demonstração de Forças de Ordem Pública e de Operações Especiais, tendo o evento findado cerca das 13H30.

Por serem já tradições institucionais, a GNR celebrou, no dia 29 de abril, na Basílica dos Mártires, em Lisboa, uma missa de Ação de Graças alusiva ao seu 105.º aniversário, cerimónia que foi presidida pelo Bispo Castrense e Capelão-Chefe das Forças Armadas e de Segurança, D.Manuel da Silva Rodrigues Linda, e concelebrada por vários Capelães da GNR. Nesta celebração participaram ainda um Grupo Instrumental e o Coro constituído por militares da Banda Marcial e da Fanfarra da GNR.

No dia 10 de maio, realizou-se um concerto interpretado pela Banda Sinfónica da GNR, na sala de espetáculos do Campo Pequeno, que contou também com a presença da fadista Cuca Roseta, marcando assim um dos momentos mais apreciados da efeméride.

Já no Carmo, em Lisboa, as portas do Quartel estiveram abertas ao público entre o dia 22 de abril e o dia 21 de maio, permitindo aos mais curiosos a visita dos espaços mais emblemáticos do Quartel como por exemplo, o gabinete do Comandante-Geral, o Museu da GNR e a sala de exposições temporárias, onde esteve patente a exposição "Eduardo Gageiro e o 25 de abril", muito apreciada pela generalidade dos visitantes.



105^o ANIVERSÁRIO

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
2016



Mensagem do Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana – 105º. Aniversário



Militares e Civis da Guarda Nacional Republicana
No dia em que comemoramos o centésimo quinto aniversário da Guarda Nacional Republicana, saúdo todos os militares e civis na situação de ativo, reserva e reforma, reafirmando o meu orgulho por comandar uma força tão prestigiada e que presta um serviço tão relevante a Portugal.

Quero aqui expressar a minha confiança nos homens e mulheres que compõem esta grande família da Guarda Nacional Republicana, que norteados pelos valores que lhe são próprios fazem jus a uma história repleta de atos de entrega e dedicação ao bem comum. Expresso também a convicção de que os elevados padrões de desempenho mantidos pelos militares da GNR ao longo da sua existência secular, são a melhor expressão de uma identidade forte, alicerçada em valores morais e patrióticos que permanecem bem vivos em todos nós, sendo também a melhor demonstração da vitalidade da Guarda e o melhor garante da sua condição de pilar estruturante do Estado.

Podemos afirmar que no ano que agora passou a Guarda desenvolveu a sua atividade operacional com elevados índices de desempenho, não só resultantes da sua missão primária, como na repressão e prevenção da criminalidade, mas também, de forma muito significativa em missões de interesse público de grande relevância social. Isto deve-se ao trabalho, esforço e dedicação de todos vós, pois não obstante o quadro de restrição orçamental vivido, os homens e mulheres da Guarda souberam colocar o melhor da sua energia, o melhor de si próprios, na procura das respostas adequadas. O contexto global tem obrigado a uma gestão judiciosa, responsável e exigente dos recursos que nos são colocados à disposição, representando cumulativamente um desafio permanente, para fazermos mais e melhor com o existente, mas também potenciando as nossas capacidades e explorando ao máximo as oportunidades que nos surgem, estimulando-nos a



PELA LEI E PELA GREI

continuar para patamares de desempenho mais elevado. Assim, perspetivando o futuro, a “Estratégia da Guarda 2020”, traça o alinhamento estratégico desta Força de Segurança com as opções e orientações políticas em matéria de Segurança Interna e com a Estratégia da União Europeia para o setor. Tendo como horizonte temporal 2015 – 2020, a iniciativa tem por fim último garantir uma Guarda mais eficiente e eficaz em prol da segurança e do bem-estar das populações. Estabelecemos como centro de gravidade, ou seja o centro a partir do qual nos vem a força e capacidade, a sociedade, porque nos cabe ir ao encontro dos problemas que afetam os cidadãos e consequentemente a nossa ação continuará a direcionar-se para as pessoas. Definimos quatro linhas de orientação estratégica: reforçar a confiança dos cidadãos na Instituição; **Otimizar para criar valor; Modernizar, Inovar e Simplificar garantindo melhores processos, me-**

lhores formas de fazer o nosso trabalho; Incrementar a cooperação e articulação com outros organismos, procurando sempre a melhoria da qualidade do serviço prestado. Nesta linha, definimos para o corrente ano as seguintes prioridades: a melhoria do serviço prestado á sociedade; o desenvolvimento de soluções tecnológicas de apoio à atividade operacional; a edificação e o aperfeiçoamento das capacidades operacionais; a gestão do conhecimento, bem como a qualificação e valorização dos recursos humanos; a captação de cofinanciamento e o reforço da cooperação institucional tanto nacional, como internacional. É neste quadro de desenvolvimento que queremos ver a Guarda. Mas isto só é possível com a vossa plena adesão, com o vosso empenhamento e dedicação. O propósito de “ser uma Força de Segurança humana, próxima e de confiança que se distinga pela excelência do serviço que presta e seja reco-



nhecida como referência nacional e internacional no domínio da segurança” é um desígnio de todos, que a todos liga e sujeita.

Neste dia particular, não posso ainda deixar de fazer duas referências: a primeira é que, como Comandante-Geral, conheço e partilho as vossas preocupações e entendo os sacrifícios e as exigências que o Serviço da Guarda comporta. Estamos empenhados em resolver com a Tutela muitos dos antigos anseios e aspirações partilhadas por todos: Vamos continuar a pedir a correta e completa clarificação do regime de reserva e de reforma definido no DL 214-F/2015; Vamos dedicar o melhor do nosso esforço à revisão de diplomas estruturantes para a Guarda como a Lei Orgânica, o Estatuto dos Militares e o Regulamento de Avaliação do Mérito. A segunda referência, muito especial, tocante e sentida é para com a memória dos nossos dois camaradas que partiram, que no cumprimento do

dever legaram o seu bem mais precioso – a vida – para que outros possam viver em liberdade e em segurança. Recordo igualmente os doze militares que sofreram ferimentos graves no decurso da atividade operacional e os cento e vinte e seis que foram vítimas de crimes em serviço. Presto aqui o meu tributo e homenagem a todos eles, para eles vai o nosso pensamento e profundo respeito. Termino como iniciei esta breve mensagem. Exortando-vos a cumprir cada vez melhor, orgulhosos pelo nosso passado, cientes do nosso valor e do que conseguimos no presente e confiantes no futuro, convictos de que a Guarda com empenhamento, entrega e dedicação, continuará a elevar bem alto o seu nome, garantindo a segurança e a tranquilidade pública, como uma Força de Segurança humana, próxima e de confiança.

Confio em vós para, juntos, honrarmos o compromisso que nos liga a Portugal.





Ordem Militar de Avis - Grande Oficial
Coronel Francisco José Damião, da Escola da Guarda



Medalha de Serviços Distintos de S
Comando Territo
Comando Territo

Imposição de

Medalhas de Mé
1.ª Classe, Coronel José Lopes Pereira e 2.ª Classe, Major D
4.ª Classe, Sargento-chefe Josué Rosado Canhão e Sargento-chef



Ordem Militar de Avis -
Cavaleiro
Capitão José Bernardino
de Sousa Moutinho, do
Comando Territorial do
Porto





Distintivos de Segurança Pública - Grau Ouro
Territorial do Porto
Territorial de Setúbal



Medalha Nuno Álvares Pereira - Mérito da GNR
1.ª Classe, Tenente-general D. Pablo Martim
Alonso e General de Brigada D. Manuel Montoya
Vicente, ambos da Guardia Civil.

Condecorações

Medalha de Mérito Militar:
Major Diogo Almeida Moreira Dores, ambos do Comando-Geral
do-chefe António José Dias Monteiro, ambos da Escola da Guarda.



Medalha de Serviços
Distintos de Segurança Pú-
blica - Grau Prata
Coronel José Manuel Lucas
Pimenta, da Unidade de In-
tervenção
Sargento-mor António Frazão
Ferreira, do Coamndno
Territorial de Leiria
Cabo-mor José António
Germano Cabaço, do
Comando Territorial de Évora





Medalha Nuno Álvares Pereira - Mérito da GNR
1.ª Classe, Coronel Jorge Manuel Gaspar Esteves, da Escola da Guarda
2.ª Classe, Dr.ª Carla Teresa Alberto Simões Boto Pereira, do Comando Doutrina e Formação
3.ª Classe, Sargento-mor Francisco Luis Moreira da Silva, da Escola da Guarda
4.ª Classe, Cabo-mor Paulo Manuel Galego, do Comando Territorial de Setúbal

Imposição de

Prêmios Farinha Beirão

Sargento-chefe Alberto Manuel Loureiro Rodrigues, do Comando Territorial de Viseu, Sargento-chefe Carlos Manuel Esteves Alves, do Comando Territorial de Leiria e Sargento-chefe José Almeida Rodrigues do Comando Territorial de Aveiro.





Prêmios ao Valor, Abnegação e Altruísmo

Guarda principal Rogério Manuel Brites Gonçalves Gaspar, do Comando Territorial de Lisboa,
Furriel Ricardo Jorge Azevedo Ferreira de Sousa, Guarda António Carlos Nunes da Mota, ambos do Comando Territorial de Faro e
Guarda André Filipe do Carmo Pequito da Silva do Comando Territorial de Santarém

Condecorações

Medalhas de Mérito de Segurança Pública:

- 1.ª Classe, Tenente-coronel Joaquim Leandro Nobre Grenho, dos Serviços Sociais
- 3.ª Classe, Sargento-mor António Manuel Batista Sirgado, do Comando Territorial de Santarém,
- 4.ª Classe, Cabo-chefe Fernando Manuel Santos Custódio Borges, do Comando-Geral.





Desfile





e das Forças



Comando Territorial de Lisboa

As comemorações do dia da Unidade iniciaram-se a 08 de maio, com um circuito de atividades para crianças que teve lugar no recinto exterior do Futebol Clube Sobral de Monte Agraço, e no dia 09 de maio teve lugar a entrega de prémios do 4.º concurso de desenho do Comando Territorial de Lisboa, alusivo à defesa da floresta contra in-

cêndios, intitulado de "Viver a floresta". Apesar de este concurso se destinar às turmas do 1.º ciclo, a concurso foram recebidas duas participações especiais, referentes a uma turma de alunos autistas e outra de ensino especial, às quais foram proporcionadas uma visita ao 4.º Esquadrão da USHE, e a uma aula de hipoterapia, como prémio de participação.

No dia 10 de maio, as comemorações do 7.º aniversário do Comando Territorial de Lisboa foram encerradas com a tradicional cerimónia militar que teve lugar na Praça Dr. Eugénio Dias, no centro histórico da Vila do Sobral de Monte Agraço, que foi presidida pelo Exmo. Comandante do Comando Operacional da Guarda Nacional Republicana, Major-General Luis Francisco Botelho Miguel, e contou com a presença de diversas entidades militares e civis, salientando-se a do Sr. Presidente da Câmara Municipal do Sobral de Monte Agraço, Sr. José Alberto Quintino. Pelas 15H00 deu-se início à cerimónia com a chegada do Exmo. Major-General Comandante Operacional, a quem foram prestadas as devidas honras militares. Após a integração do Estandarte Nacional nas forças em parada, a cerimónia prosseguiu com as alocações proferidas pelo Exmo. Comandante Territorial de Lisboa, Coronel de Infantaria António Francisco Carvalho da Paixão e



pelo Major-General Comandante Operacional, Luís Francisco Botelho Miguel.

O Comandante do Comando Territorial de Lisboa, na alocução proferida, agradeceu a presença do Exmo. Major-General Luis Francisco Botelho Miguel, manifestando-se honrado e agradecido pela sua disponibilidade e presença na cerimónia, bem como da atenção dispensada à atividade operacional. Posteriormente, dirigiu-se ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, Sr. José Quintino, demonstrando o seu apreço e reconhecido agradecimento pela estima e consideração que tem vindo a manifestar em relação à nossa instituição, particularmente ao Comando Territorial de Lisboa. Por último, dirigiu palavras aos

militares que servem sob o seu comando, aludindo os elevados padrões de desempenho, tanto dos militares como dos civis que servem a Unidade. Destacou a atividade operacional desenvolvida ao longo do último ano, que propiciou uma diminuição sustentada dos índices da criminalidade geral e da criminalidade violenta e grave. Frisou que, apesar dos bons resultados, os militares deverão estar cada vez mais preparados para enfrentar os novos e constantes desafios. Referiu ainda que, para além do balanço da atividade, é importante enaltecer as dificuldades que foram ultrapassadas para, em cada dia, garantir a paz e a tranquilidade públicas, na complexa zona de ação da Unidade, em especial destaque pela missão desenvolvida pelos militares patrulheiros.

O Exmo. Comandante do Comando de Lisboa



finalizou o seu discurso apelando *“A todos os que me têm acompanhado neste desiderato, com dedicação, profissionalismo e determinação, exorto a que façamos jus ao lema “Prontos e Firmes”.*

Seguiram-se a imposição de condecorações a diversos militares de todas as Subunidades e Estado-maior do Comando e da sentida homenagem aos mortos. Finalizou-se a cerimónia com o desfile das forças em parada, compostas pelo Estandarte Nacional, duas companhias apeadas, um bloco motorizado e pela Banda Marcial da Guarda Nacional Republicana.

Após a cerimónia e a convite da Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, decorreu uma breve visita guiada ao Centro de Interpretação das Linhas de Torres, seguido de beberete no mesmo local.



Unidade de Intervenção

Comemorou-se no passado dia 16 de maio, o 7.º Aniversário da Unidade de Intervenção da Guarda Nacional Republicana, com a realização de uma cerimónia militar evocativa da efeméride e uma demonstração de meios e valências.

A Unidade de Intervenção é a herdeira e depositária das tradições e do espólio histórico das unidades que a precederam, nomeadamente, o Batalhão n.º 1 e o Regimento de Infantaria.

Sucessora do Regimento de Infantaria da Guarda Nacional Republicana, a Unidade de Intervenção foi criada pela Lei n.º 63/2007, de 06 de novembro, sendo definida como Unidade especialmente vocacionada para as missões de manutenção e restabelecimento da ordem pública, resolução e gestão de incidentes críticos, intervenção tática em situações de violência concertada e de elevada perigosidade, complexidade e risco, segurança de

instalações sensíveis e de grandes eventos, inativação de explosivos, proteção e socorro e aprontamento de forças para missões internacionais.

O seu dia festivo relembra a data de 16 de maio de 1911, da criação do Batalhão n.º 1, definido em 2008 como o Dia da Unidade de Intervenção, por Despacho n.º 77/08-OG, de 22 de dezembro, do Exmo. Tenente-General, Comandante-Geral.

A data foi celebrada em todos os quartéis da unidade com o içar da Bandeira Nacional às 09H00 e a leitura da mensagem do Exmo. Comandante da Unidade de Intervenção, Major-General José Manuel Lopes dos Santos Correia.

Em simultâneo, no Comando da Unidade, agora sediado na Pontinha, as cerimónias comemorativas tiveram início pela manhã com o içar da Bandeira Nacional, seguido da celebração litúrgica na Capela



da Unidade, presidida pelo Capelão da UI, Major Borges da Silva. Pelas 15H00 teve lugar a cerimónia militar, tendo a mesma sido presidida por sua Exa., a Ministra da Administração Interna, Prof.ª Dr.ª Maria Constança Urbano de Sousa. Na cerimónia militar, as Forças em Parada, sob o comando do Tenente-Coronel de Infantaria Pedro Emílio da Silva Oliveira, Comandante do Grupo de Intervenção de Ordem Pública, constituídas pela Banda Marcial e Fanfarras da Unidade de Segurança e Honras de Estado, por uma Companhia de Comando e Serviços a dois Pelotões, uma Equipa do Centro de Inativação de Engenheiros Explosivos e Segurança em Subsolo e dois Batalhões de Infantaria, integrando o primeiro batalhão uma Companhia de Intervenção, Proteção e Socorro e uma Companhia de Intervenção de Operações Especiais, e o segundo, por uma Companhia de In-

tervenção de Ordem Pública e uma Companhia de Intervenção Cinotécnica;

A cerimónia militar foi ainda marcada pelas alocações alusivas à efeméride, proferidas pelo Exmo. Comandante da UI e por sua Exa., a Ministra da Administração Interna, seguidas pela imposição das condecorações atribuídas aos militares que se destacaram no cumprimento da missão e homenagem aos militares já falecidos da Unidade de Intervenção, tendo terminado com o desfile das Forças em Parada durante o qual ficou bem patente o garbo e brio intrínsecos aos militares desta Unidade.

Finda a cerimónia militar, foi ainda realizada pelas subunidades operacionais uma demonstração estática de meios e valências, através de um plastron de materiais e equipamentos, realçando-se as capacidades para o desempenho do serviço operacional, atendendo às missões atribuídas à Unidade de Intervenção.

Comando Territorial de Coimbra

No dia 03 de junho, o Comando Territorial de Coimbra comemorou o seu 7.º aniversário de existência enquanto Comando Territorial e o seu 101.º aniversário da instalação da GNR na cidade de Coimbra, tendo para o efeito realizado um conjunto de iniciativas no distrito de Coimbra, das quais se destacaram o concerto do Quarteto de Cordas da GNR, a exibição da Charanga a Cavalos e a Parada Militar, presidida por sua Exa. o Major-general Carlos Alberto Baía Afonso, Comandante do Comando da Administração dos Recursos Internos da Guarda Nacional Republicana, na vila de Cantanhede.

O concerto do Quarteto de Cordas da GNR, realizado no dia 03 de junho de 2016, decorreu nos claustros dos Paços do Concelho, tendo sido aberto a toda a comunidade local, demonstrando de forma inequívoca o seu grande valor cultural, a sua notória singularidade e a qualidade artística deste quarteto.

A parada militar, momento alto das comemorações do seu dia festivo, realizada em 04 de junho, sob o Comando do Major de Infantaria José Machado, integrou as diversas valências do Comando Territorial, nomeadamente, uma Companhia de Infantaria; o Destacamento de Intervenção, constituído por um Pelotão de Intervenção, uma Secção Cinotécnica, uma Secção de BTT e uma Esquadra de Cavalaria; um pelotão motorizado constituído por meios de patrulhamento rodoviário e de deteção e controlo de velocidade do Destacamento de Trânsito, por meios de patrulhamento urbano, uma viatura com as respetivas canoas e um motociclo, ambos do SEPNA, uma viatura de intervenção e uma viatura de recolha de vestígios do NAT/SIIC. A parada militar integrou ainda uma equipa do GIPS equipada e em viatura e a Banda de Música da Unidade de Segurança e Honras de Estado.





Da cerimónia militar destaca-se a integração do Estandarte Nacional e a entoação emotiva do Hino Nacional por todos os presentes, os discursos alusivos ao evento proferidos pela Alta Entidade e pelo Exmo. Comandante do Comando Territorial de Coimbra, Coronel João Seguro, a imposição de condecorações aos militares do Comando Territorial e por último, a prestimosa colaboração do Capelão, Coronel Agostinho Freitas, em que foi evocada a memória dos militares e civis falecidos, que serviram no Comando Territorial de Coimbra. Ao desfile das forças em parada, seguiu-se o desfile de um pelotão infantil constituído por 20 crianças com idades compreendidas entre os seis e os dez anos, pertencentes à Escola EB1 da Gesteira, comandadas pelo Cabo Fernando Geria, Chefe da Secção de Programas Especiais do Destacamento Territorial de Cantanhede, que em muito contribuíram para uma aproximação extraordinária entre o público presente e a GNR.

Ao encerrar a parada militar e para gáudio de todos os quantos assistiam, desfilou a Charanga a Cavalos da Unidade de Segurança e Honras de Estado, em continência à Alta Entidade.

Findas as cerimónias militares e sob os auspícios do Dia Mundial da Criança, toda a comunidade teve a oportunidade única de poder disfrutar da exibição da Charanga a Cavalos nos jardins da Cidade.

A Guarda Nacional Republicana, integrada nas comemorações do Dia Mundial da Criança, esteve presente nos jardins de Cantanhede com algumas das suas valências sob a forma de *plastron*, destacando-se os meios auto do Destacamento de Trânsito, do Destacamento de Controlo Costeiro e do Grupo de Intervenção de Proteção e Socorro, tendo este último montado uma linha de *slide*, para alegria das crianças.

Para além da cerimónia realizada na cidade de Cantanhede, decorreram igualmente no dia 03 de junho, cerimónias evocativas nos quartéis que compõem o seu dispositivo territorial, contribuindo desta forma para a formação e manutenção do espírito de corpo e coesão da Unidade em particular, e da Guarda Nacional Republicana, em geral.

A elevada dignidade com que decorreram todos os momentos festivos muito se deveu à qualidade e compromisso incedível de todos os militares que as integraram, direta ou indiretamente, da Unidade ou de outras em apoio, realçando-se ainda, enquanto parceiro inestimável no processo de planeamento e execução de todos estes momentos, a Câmara Municipal de Cantanhede, tendo tido como expoente máximo o seu Presidente, Prof. Dr. João Carlos Vidaurre Pais de Moura, que, desde a primeira abordagem, sempre demonstrou um entusiasmo e uma disponibilidade contagiantes.

Comando Territorial de Viseu



No passado dia 23 de junho, o Comando Territorial de Viseu comemorou o seu 7.º aniversário na cidade de Mangualde. A celebração, que evoca a instalação da 1.ª Companhia da GNR em Viseu, em 1920, foi presidida pelo Major-General Botelho Miguel, 2.º Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana. Pese embora a celebração do dia da Unidade ter tido a cerimónia maior com uma Parada Militar na cidade de Mangualde, a efeméride foi solenizada em todos os (vinte e nove) 29 quartéis deste Comando, através de cerimónias singelas, mas plenas de simbolismo, brio e dignidade, onde foi lida a mensagem do Comandante da Unidade, Coronel Vítor Manuel Guerra Rodrigues. A Parada Militar, ponto alto das comemorações, foi constituída por um batalhão comandado pelo Major Adriano Resende, onde integraram uma Companhia de

Infantaria e uma Companhia Motorizada. A cerimónia teve início com a apresentação das Forças em Parada à entidade que a presidiu, seguindo-se a integração do Estandarte Nacional, as alocações alusivas ao dia da Unidade efetuadas pelo Comandante da Unidade e pelo 2.º Comandante-Geral, imposição de condecorações, homenagem aos mortos, terminando com o desfile militar.

Procurando aproximar a Guarda à sociedade, o Dia da Unidade foi cumprido num conjunto vasto de manifestações, todas no Concelho de Mangualde. Assim, no dia 18 de junho, iniciaram-se com o Concerto da Banda da GNR, na Igreja do Complexo Paroquial de Mangualde; e houve também lugar a uma demonstração de meios no largo Dr. Couto em Mangualde. O dia 19 de junho foi dedicado à

AGENDA NOTICIOSA

apresentação dos meios do Grupo de Intervenção Proteção e Socorro, força particularmente vocacionada para o combate aos incêndios nascentes. No dia 20 de junho, no Auditório da Biblioteca Municipal de Mangualde, realizou-se um Seminário subordinado ao tema *“O IDOSO – A SOCIEDADE, A SEGURANÇA E O ESTADO – O empoderamento da pessoa idosa, problemáticas e desafios”*. Esta iniciativa contou com a presença da Dra. Elza Pais, Deputada da Assembleia da República; da Meritíssima Juiz-Presidente do Tribunal Criminal de Viseu, Dra. Maria José Guerra; do Dr. Carlos Andrade, Vice-presidente da União de Misericórdias; e do Tenente-Coronel Copeto, Chefe da Divisão de Ensino do Comando de Doutrina e Formação. A acompanhar a semana de comemorações, decorreu uma exposição do acervo histórico da GNR, nos Paços do Concelho de Mangualde, que contou com o apoio do

Museu da Guarda.

Com este conjunto de iniciativas pretendeu o Comando Territorial de Viseu aproximar a Guarda ao cidadão e dar a conhecer as várias valências que, diariamente estão ao serviço da população, assegurando, desta forma, um fortalecimento da imagem da GNR.

Fiel à sua divisa *“Com Viriato... Tanto se afamaram”*, o Comando Territorial de Viseu continuará a pautar a sua ação pelo rigor, eficácia e profissionalismo, que lhe é reconhecido, mantendo-se, assim, como uma instituição de referência junto da população que serve.

Tendo sido a primeira vez que as comemorações se realizaram com este formato, e tendo revelado grande aceitação por parte da população, é intenção do Comando manter a forma e, no próximo ano, realizar o dia da Unidade noutro concelho da Zona de Ação do Comando Territorial de Viseu.



Visitas



Curso de Promoção a Oficial General

No dia 12 de abril de 2016, a Guarda Nacional Republicana contou com a visita do Curso de Promoção a Oficial General 2015/2016 (CPOG), constituído por 23 auditores do CPOG, sendo 18 nacionais e cinco oficiais de países amigos (dois de Angola, dois do Brasil e um de Moçambique). A visita, realizada nas instalações da Escola da

Guarda, teve início com a chegada do referido curso e, conseqüentemente, a apresentação de cumprimentos por parte do Comando da EG. Após uma breve introdução sobre a GNR, realizou-se uma exposição estática dos meios que a GNR tem à sua disposição, bem como uma demonstração de meios Cino e de Ordem Pública.



Curso de Estado-Maior Conjunto

No dia 30 de abril de 2016, à semelhança de anos anteriores, a Guarda Nacional Republicana contou com a visita do Curso de Estado-Maior Conjunto 2015/2016 (CEMC), constituído por 41 Oficiais, sendo 33 de origem nacional e oito de países amigos. A visita, realizada nas instalações da Escola da Guarda, teve início com a chegada do referido curso cerca das 09h20. Após a recepção e boas-vindas, com a apresentação de cumprimentos por parte do Comando da Escola da Guarda, assistiram a um briefingue sobre a Guarda Nacional Repu-

blicana, apresentado pelo Comandante do Comando de Doutrina e Formação, Major-General João Paulo Silva Esteves Pereira e a uma exposição estática de meios e valências da GNR, seguida de uma demonstração de meios cinotécnicos e de ordem pública.

De seguida, deslocaram-se ao Comando-Geral onde visitaram o Centro de Comando e Controlo Operacional e, posteriormente, à Unidade de Controlo Costeiro, onde lhes foi explicado o funcionamento do Centro de Comando e Controlo desta unidade.

Unidade de Controlo Costeiro - Centro de Comando e Controlo



Comando-Geral - Centro de Comando e Controlo Operacional



Tomadas de posse

2.º Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana



Teve lugar no dia 31 de maio, no Quartel do Carmo, em Lisboa, a tomada de posse do novo 2.º Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana, Major-General Luís Francisco Botelho Miguel, numa cerimónia que foi presidida pelo Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana.

O Major-General Luís Francisco Botelho Miguel é licenciado em ciências militares, no ramo de Artilharia e em Engenharia de Sistemas Decisionais.

É mestre em Logística e Auditor de Defesa Nacional. Do seu currículo académico constam ainda os Cursos de Estado-Maior, de Altos Estudos Estratégicos para oficiais superiores Ibero-americanos e de Promoção a Oficial General.

Ao longo da sua carreira desempenhou diversas funções, com destaque para as de Segundo-Comandante do Regimento de Artilharia Quatro, em Leiria, e de Comandante do Regimento de Guarnição Dois, em Ponta Delgada.

Desempenhou ainda funções de docente na Academia Militar, de assessor nas Forças Armadas angolanas e no Ministério da Defesa de Angola, de diretor de área na Divisão de Informações no Estado-Maior General das Forças Armadas, de diretor de Área no Serviço de Informações Estratégicas de Defesa e Militares, de chefe da Divisão de Informações Militares do Exército e ainda, de coordenador do Exército no Projeto do Sistema Integrado de Gestão da Defesa Nacional.

Na Guarda Nacional Republicana exerceu o cargo de Adjunto do Comandante Operacional, de Comandante da Unidade de Intervenção, de Comandante do Comando da Administração dos Recursos Internos e, por último, de Comandante do Comando Operacional, função que cessa para tomar posse como Segundo-Comandante da Guarda Nacional Republicana e, em acumulação, as de Inspetor da Guarda.

Comandante do Comando de Doutrina e Formação

Teve lugar no dia 31 de maio, no Quartel do Carmo, em Lisboa, a tomada de posse do novo Comandante do Comando da Doutrina e Formação da Guarda Nacional Republicana, Major-General João Paulo Silva Esteves Pereira, numa cerimónia que foi presidida pelo Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana.

O Major-General João Paulo Silva Esteves Pereira é licenciado em ciências militares, no ramo de Cavalaria. Do seu currículo constam os Cursos de Estado-Maior, de Defesa NBQ e de Operações de Manutenção de Paz da NATO, de Gestão Civil de Crises e o *Armor Officer Advanced Course*, em Fort Knox, nos Estados Unidos da América.

Da sua carreira militar constam o desempenho de diversos cargos e funções em várias Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército, das Forças Armadas e da NATO.

Foi comandante do Primeiro e Segundo Esqua-

drões de Carros de Combate da Brigada Mecanizada, do Esquadrão de Reconhecimento da Escola Prática de Cavalaria, do Grupo de Carros de Combate em Santa Margarida, da Unidade de Aviação Ligeira do Exército em Tancos e do Regimento de Cavalaria Quatro em Santa Margarida. Foi ainda Segundo-Comandante das Brigadas Mecanizada e de Reação Rápida.

Da sua carreira militar constam também o desempenho das funções de assessor militar da Comissão Política-Militar, de professor do Instituto de Altos Estudos Militares e de *Staff Training Officer* da NATO, no Comando das Forças Aliadas do Sul da Europa, em Nápoles. Foi ainda Inspetor na Inspeção-Geral do Exército.

É, atualmente, o Comandante da Unidade de Segurança e Honras de Estado, tomando posse na referida data como Comandante do Comando Doutrina e Formação, em acumulação.



Comandante da Unidade de Ação Fiscal



No passado dia 28 de junho, o Coronel de Infantaria Armando Magalhães Pereira assumiu as funções de Comandante da Unidade de Ação Fiscal (UAF). Numa cerimónia militar, que teve lugar no Quartel da Boavista, Cais da Rocha em Lisboa, revestida de simplicidade e dignidade, o novo Comandante recebeu o Estandarte Nacional da Unidade do Exmo. Comandante-Geral da Guarda.

O Coronel Armando Magalhães Pereira ingressou na GNR em 1989, tendo, ao longo da sua carreira profissional, desempenhado funções de comando, docência e chefia em diferentes unidades e órgãos da GNR, designadamente, na área fiscal, tributária e aduaneira, como Comandante da Companhia de Peniche do Batalhão n.º 4 da Guarda Fiscal, como Comandante do Destacamento Operacional de Coimbra da Brigada Fiscal, Comandante do Destacamento Fiscal de Ação e Pesquisa de Coimbra da Brigada Fiscal e Comandante do Destacamento de Ação Fiscal de Coimbra da Unidade de Ação Fiscal. Desempenhou também funções no Comando Territorial de Coimbra, como Chefe da Secção de Operações, Informações e Relações Públicas, e recentemente, desempenhava as funções de Subdiretor da Direção de Operações do Comando Operacional da GNR. Foi Diretor de Cursos Fiscais e docente de diversas disciplinas fiscais na Escola da Guarda. Tem como principais habilitações académicas, a Licenciatura em História pela Universidade de Coimbra, e vários Cursos de Formação e Promo-

ção ministrados pela Guarda Nacional Republicana na área fiscal e de investigação criminal.

O Exmo. Comandante-Geral da GNR, Tenente-General Manuel Mateus Costa da Silva Couto, na alocução que proferiu, destacou a missão da Unidade de Ação Fiscal, enquanto Unidade especializada da GNR com competência específica de investigação de infrações tributárias e aduaneiras. Enalteceu os serviços prestados pelo Comandante cessante e formulou “votos das maiores felicidades” ao novo Comandante, lembrando que “nenhuma função é mais reconfortante para um Oficial do que a do Comando” e que a sua ação é “indissociável de três requisitos que devem ser observados permanentemente – a Sabedoria, a Humanidade e a Ponderação”.

Na sua alocução, o Coronel Armando Pereira considerou que é “fundamental impulsionar a investigação da criminalidade tributária e aduaneira” e sinalizou como prioritária “a qualificação dos controlos de circulação de mercadorias enquanto instrumentos do combate à evasão e fraude tributárias, em ordem ao incremento da sua eficácia”. Por fim, o Coronel Armando Pereira dirigiu-se aos militares da Unidade de Ação Fiscal e exortou com veemência, a pautarem a sua “conduta e ação pelo escrupuloso respeito dos valores e princípios” da instituição, incentivando-os a enfrentar em conjunto, os desafios do combate à fraude e evasão tributárias.

1.º Curso de Técnicos Especialistas em Inativação de Engenhos Explosivos Improvisados

A 22 de março de 2016 comemorou-se a passagem do 20.º Aniversário do 1.º Curso de Técnicos Especialistas em Inativação de Engenhos Explosivos Improvisados da Guarda Nacional Republicana (CTEIEEI/GNR), aprovado por Despacho do Exmo. General Comandante-Geral da GNR, General Bernardino Godinho de 17 de janeiro de 1995.

As Equipas de Minas e Armadilhas da Guarda foram criadas pelo Decreto-Lei n.º 216/83 de 25 de maio. Desde esta data e até ao ano de 1994 a especialização dos militares da Guarda era ministrada pela Armada, através dos Cursos de Aperfeiçoamento em Inativação de Engenhos Explosivos Improvisados. O número de vagas disponibilizado pela Armada não era de todo suficiente para responder às necessidades da Guarda, tendo sido determinado que o CTEIEEI/GNR passasse a ser ministrado no Ex-Regimento de Infantaria desta Guarda, atual Unidade de Intervenção. Após a conclusão de formação com a consequente

recolha de informação, por parte do Oficial Coordenador e Diretor do Curso e outros elementos das Equipas do Regimento de Infantaria, junto das escolas nacionais e estrangeiras, nomeadamente, Escola TEDAX da *Guardia Civil* – Espanha e Escola *Kineton* (*Defence EOD Munitions and Search School Kineton*) – Reino Unido, e tendo também em consideração a opinião do Gabinete de Psicologia da GNR, após a visita ao gabinete de psicologia da Direção Geral da *Guardia Civil* – Espanha, encontravam-se criadas as condições para avançar com a realização do 1.º CTEIEEI.

Entre dezembro de 1995 e janeiro 1996 foram realizadas provas e exames de seleção, assente em várias componentes: cultural, física, psicotécnica, psicomotora e médica.

Foram nomeados como instrutores/monitores, constituindo o corpo docente do 1.º CTEIEEI, os seguintes militares: Oficial Coordenador e Diretor de Curso – Capitão António Paixão, atualmente Coronel



Corpo Docente e Finalistas do 1.º CTEIEEI/GNR

Fila de cima da esquerda para a direita:

- Cabo João Santos, 2.º Sargento Oliveira Loureiro, Sargento Ajudante Manuel Diniz, Capitão Santos Pereira, Dr.ª Paula Duarte, Capitão António Paixão, Sargento Ajudante António Jorge, Cabo António Gabriel, Cabo António Bernardino.

Fila de baixo da esquerda para a direita:

- Cabo Francisco Fraga, Soldado Paulo Araújo, Cabo João Marouco, Cabo Fernando Barreiro, Soldado António Cadete, Soldado João Costa, Soldado Hugo Martins e 2.º Sargento Vítor Castro.



e CMTD do CTer Lisboa; Capitão Santos Pereira, atualmente Coronel e Oficial de Ligação do Ministério da Administração Interna na Embaixada de Portugal em Díli/Timor Leste; Sargento-ajudante Manuel Diniz, agora Sargento-chefe na situação de Reforma; Sargento-ajudante António Jorge, na situação de Reforma; 2.º Sargento Oliveira Loureiro, atualmente 1.º Sargento na situação de Reforma; Cabo António Gabriel, atualmente Cabo-chefe na situação de Reforma; Cabo António Bernardino, atualmente Cabo-chefe na situação de Reforma e Cabo João Santos, na situação de reforma.

Foi ainda nomeada para integrar o corpo docente do 1.º CTEIEEI, com a finalidade de apoiar a instrução na área específica da psicologia, e também para efetuar os devidos reajustamentos ao perfil do Inativador da GNR, a Dr.ª Paula Duarte, do Gabinete de Psicologia da antiga 1.ª REP/CG/GNR, atualmente Centro de Psicologia e Intervenção Social, da Divisão de Recursos Humanos/CARI, conseguindo assim observar e acompanhar a evolução dos futuros técnicos.

O curso teve início em 5 de fevereiro de 1996, tendo

uma carga horária de 219 horas, distribuídas por 112 horas de sessões teóricas e 107 sessões práticas, versando em várias matérias, entre as quais, eletricidade e eletrónica, teoria de explosivos, engenhos explosivos, material e equipamento especial, técnicas de investigação, técnicas de inativação e noções básicas de emergência médica.

Dos 12 militares que iniciaram o curso, apenas oito concluíram com sucesso, dos quais um sargento, três cabos e quatro soldados (guardas).

Estiveram presentes nesta comemoração o Comandante da Unidade de Intervenção Major-General Santos Correia, o Coronel António Paixão, Comandante do Comando Territorial de Lisboa, o Intendente Luís Ferreira, Comandante do Centro de Inativação de Explosivos e Segurança em Subsolo da Polícia de Segurança Pública, a Dr.ª Paula Duarte do Centro de Psicologia e Intervenção Social da GNR, alguns militares envolvidos no curso que se encontram em situação de reserva/reforma e todo o efetivo do Centro de Inativação de Explosivos e Segurança em Subsolo da Unidade de Intervenção.

Demonstração de meios da GNR

Escola Básica de Távora



No mês de maio realizou-se na Escola Básica de Távora, do Agrupamento de Escolas de Valdevez, uma ação de demonstração e apresentação dos meios da GNR. A referida ação foi coordenada e organizada pelo Comandante do Pelotão de Intervenção da GNR de Viana do Castelo, 2.º Sargento de Infantaria, José Carlos Amorim de Barros, e planeada em articulação com a Coordenadora do Estabelecimento. Nesta ação foram abrangidos todos os alunos do pré-escolar e 1.º Ciclo da referida Escola, cerca de 177 com idades compreendidas entre os três e os dez anos, e também os docentes, auxiliares e alguns encarregados de educação. Na ação participaram militares das mais diversas valências da GNR, onde se incluem militares das Secções de Programas

Especiais (Escola Segura), patrulhas cinotécnicas, bem como militares do Destacamento de Intervenção. As equipas de militares realizaram um conjunto de atividades lúdicas e pedagógicas integradas numa demonstração de valências da instituição, para que os alunos pudessem ter uma perceção mais concreta da atuação desta força policial. Deste modo, grupos de alunos passaram por várias estações em que as equipas deram a conhecer de perto os meios utilizados, na segurança, manutenção e restabelecimento da ordem pública, na segurança e prevenção rodoviária, no controlo da velocidade de trânsito, bem como o funcionamento das viaturas. Os cães de busca e de salvamento fizeram a delícia de todos quantos assistiam. A simulação de busca de

PELA LEI E PELA GREI



objetos e deteção de drogas, por parte dos elementos da GNR acompanhados pelos cães, teve a colaboração de alguns alunos que, entusiasmados, permitiram mostrar a preciosa ajuda destes animais inteligentes e perspicazes. Os alunos tiveram a oportunidade de ver e ouvir por parte dos responsáveis, uma explicação sobre a missão, assim como sobre os meios ali expostos, nomeadamente, quanto à sua função e utilização. Esta ação destinou-se não só a promover a cultura de prevenção e segurança no meio escolar, como a reforçar o policiamento de proximidade com a comunidade local, contribuindo desta forma para a afirmação da escola enquanto espaço privilegiado de integração e socialização, fortalecendo assim o elo de ligação entre a GNR e a comunidade escolar. Os alunos mostraram-se interessados e participa-

ram de forma responsável nas atividades, ficando a conhecer as diferentes formas de intervenção da GNR nos diferentes contextos, bem como os meios disponíveis para cumprimento das suas tarefas, o que permitiu um contacto mais direto com esta importante força de segurança. A avaliar pelos comportamentos e testemunhos a ação **“Demonstração e apresentação de meios da GNR”** foi de enorme sucesso.

Uma palavra de apreço a todos os intervenientes na ação pela sua disponibilidade, colaboração e contributo.

A Coordenadora da Escola Básica de Távora
Maria Alexandrina Martins

Dia Mundial da Criança

Viseu

O Comando Territorial de Viseu, realizou no passado dia 12 de junho, mais uma atividade alusiva ao Dia Mundial da Criança, mas desta vez destinada às crianças familiares dos militares e civis que prestam serviço na Unidade.

A iniciativa, que tinha como objetivo proporcionar às crianças um dia diferente e divertido, logrou que através das brincadeiras e jogos, pais e filhos estreitassem laços e gozassem de tempo de qualidade juntos. Permitiu ainda que as crianças, que normalmente se encontram dispersas, se conhecessem, o que de outra forma não aconteceria. A atividade contou com a presença de cerca de 130 crianças, de 90 militares e civis do Comando. Na parada foram colocados insufláveis, uma torre de escalada, espaços para colorir ou pintar dese-

nhos, mini pista de trânsito, coração de memórias, que consistia na colagem de mini corações pintados e recortados pelas crianças num coração gigante, modelagem de balões, música e alegria espelhada em cada rosto de criança e adulto.

A delícia das crianças focou-se no volteio a cavalo que os militares de Cavalaria do Destacamento Territorial de Viseu se predispunham em conduzir, ofuscados pela luz do sol e envolvidos numa tortuosa fila desorganizada de euforias e ainda, na demonstração da Equipa Cinotécnica do Destacamento de Intervenção, que encantou os mais pequenos.

A atividade, realizada pelo terceiro ano consecutivo pelo Comando Territorial de Viseu, ficou marcada pelo contentamento refletido nos olhares das crianças e dos militares e civis presentes.



O Presidente da República visita a Guarda Nacional Republicana

A Guarda Nacional Republicana (GNR) recebeu na manhã do dia 14 de junho, às 10:00 horas, no Comando-Geral da GNR (Largo do Carmo), a visita de Sua Excelência o Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, acompanhado pela Exma Ministra da Administração Interna, Professora Doutora Constança Urbano de Sousa, e por elementos da sua Casa Militar.

O evento serviu para proporcionar ao Senhor Presidente da República, por ocasião desta sua primeira visita oficial, um conhecimento mais pormenorizado da Instituição e das suas missões e atribuições, através da apresentação de um conjunto de atividades.

Assim, à sua chegada e após lhe terem sido prestadas as devidas honras militares, o percurso da visita transitou da passagem pela passadeira vermelha para um briefing apresentado pelo Exmo. Senhor Comandante-Geral, Tenente-General Manuel Couto.

Concluída a apresentação sobre a Guarda Nacional Republicana e o seu papel nos sistemas de Segurança Interna, Defesa e de Protecção Civil, deslocou-se à “famosa” varanda do Quartel do Carmo, onde pode desfrutar da belíssima vista sobre a Baixa Lisboeta e o Castelo de S. Jorge.

Contemplado o centro da cidade de Lisboa por alguns minutos, o Chefe de Estado foi acompanhado à sala do Centro de Controlo e Comando Operacional (CCCCO), onde lhe foram prestadas explicações sobre o respetivo funcionamento. Aqui através de ligação por videoconferência, foi possível estabelecer diversas comunicações com vários militares da Guarda em missões externas. Assim, o Chefe de Estado pode inteirar-se da forma como estão a decorrer as missões de cinco oficiais destacados em distintas missões internacionais, nomeadamente na área da formação em Timor-Leste e na vigilância de fronteiras na Grécia, na Bulgária e na Polónia.

No seguimento da agenda e já perto do final da visita, Sua Excelência o Presidente da República tomou conhecimento da História da Guarda ao ser confrontado com o rico espólio existente no Museu da GNR.

A visita terminou com a assinatura do Livro de Honra da Guarda e a entrega de uma lembrança institucional.



Prestação de continência



Entrada no Comando-Geral da Guarda

PELA LEI E PELA GREI



Sua Excelência o Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa a entrar no Quartel do Carmo.





Revista às Forças em Parada



No corredor nobre

PELA LEI E PELA GREI



Brifingue apresentado pelo Comandante-Geral, Tenente-General Manuel Couto, na sala General Mourato Nunes.



Apresentação de cumprimentos



Na varanda sobranceira à Praça D. Pedro IV (Rossio)



Regresso da varanda



Entrada no Centro de Comando e Controlo Operacional



No Centro de Comando e Controlo Operacional



Videokonferência com militares da Guarda em missões no estrangeiro



Sala de Situação do Centro de Comando e Controlo Operacional

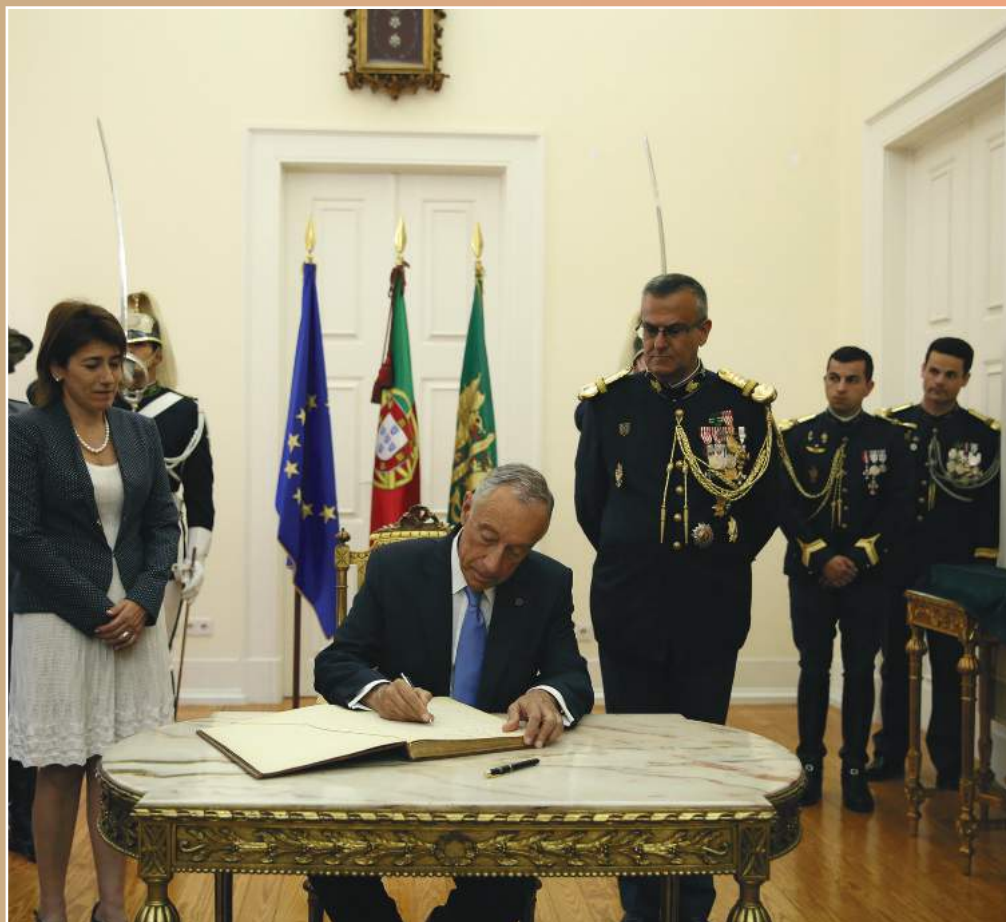
PELA LEI E PELA GREI



No Museu da Guarda



Apresentação de cumprimentos de Oficiais, Sargentos, Guardas e Cíveis, na Sala General Afonso Botelho.



Assinando o Livro de Honra

“Na primeira visita à Guarda Nacional Republicana, Instituição que tanto enobrece a República Portuguesa, sublinho o seu relevante papel enquanto força essencial para a Segurança Nacional, sublinhando a competência, dedicação e sentido de serviço público sempre testemunhado, no cabal cumprimento das suas missões, assim como seu indispensável cariz de proximidade a todos os Portugueses. Como Presidente da República agradeço a esta secular e prestigiada Instituição o contributo à vivência de um Estado de Direito Democrático, deixando, a todos, guardas, sargentos e oficiais, na pessoa do Comandante-Geral Tenente-General Manuel Mateus Costa da Silva Couto, votos de sucesso na prossecução dos objectivos nacionais, impregnada nos valores da nossa Constituição. Pela Lei e Pela Grei!”

Mensagem exarada no Livro de Honra da Guarda
por Sua Excelência o Presidente da República.
Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa



Entrega de lembrança institucional da Guarda



Na escada de acesso à Sala General Afonso Botelho



Discurso do Tenente-General Comandante-Geral, durante o almoço servido na messe de Oficiais do Quartel do Carmo



Discurso de Sua Excelência o Presidente da República na messe de Oficiais do Quartel do Carmo.



Saída do Comando-Geral da Guarda Nacional Republicana



Fim da visita

Como se forma um terrorista *jihadista* no Ocidente

O processo de radicalização

Pelo Tenente-Coronel

JOSÉ AUGUSTO DO VALE FARIA ^{1,2}



Nos últimos tempos o Ocidente testemunhou vários atentados terroristas, quer na Europa quer nos Estados Unidos, desencadeados por indivíduos isolados, sem formação em campos *jihadistas* (no Afeganistão, Paquistão, ou outro local) nem ligação directa à Al-Qaeda ou às suas filiais regionais, mas cometeram atentados que provocaram numerosas baixas entre a população civil e foram sobretudo, altamente mediatizados.

Como refere Rui Cardoso, entre outros, “descontando o lastro religioso e ideológico, estes novos terroristas parecem-se mais com os adolescentes que aliviam frustrações metralhando professores e colegas do que com membros de células organizadas obedecendo a uma hierarquia e a um plano de operações” (Cardoso 2013, 29).

Se adicionarmos a estas razões e/ou motivações o aparecimento e a difusão de projectos políticos regionais e mesmo globais, com base na inter-

pretação radical de textos religiosos, que santificam o martírio ofensivo e incentivam à prática de atentados terroristas suicidas, temos delineado o panorama actual para podermos compreender a importância do terrorismo como arma estratégica privilegiada, dos fracos contra os fortes, nos conflitos de natureza assimétrica.

Destarte, ficamos em condições de perceber a sua generalização nos nossos dias.

Tendo como cenário de análise os atentados ocorridos na maratona de Boston de 2013 e a reacção subsequente (ao nível de segurança e socorro), John Horgan³ considera que o terrorismo tem muitas similitudes com o teatro (Henriques 2013, 28-29). Nesta perspectiva, João Paulo Cândia Veiga diz-nos que a “Al-Qaeda subverteu a dimensão teatral da acção política, presente desde a antiguidade, em que a política como teatro deu lugar ao horror como espectáculo. Neste caso, o

¹ Tenente-Coronel de Infantaria da Guarda Nacional Republicana. Licenciado em História pela Universidade Aberta e Mestre em Relações Internacionais pela Universidade do Minho.

² Este artigo não foi elaborado segundo as regras do novo Acordo Ortográfico.

³ John Horgan, especialista em psicologia do terrorismo, é professor na Universidade da Pensilvânia e director do *International Center for the Study of Terrorism*.

palco é o próprio mundo e a peça desenrola-se a partir dos constrangimentos impostos pelo mercado e pela instabilidade decorrente da condição 'solitária' dos EUA como potência militar unipolar" (Veiga 2005).

Contudo, e segundo Veiga, estes elementos só ganham uma dimensão global em razão de outro ingrediente fundamental que maximiza o choque e o mal-estar geral: os media.

Neste sentido, o ambiente mediático em que estamos inseridos permite levar ao conhecimento da população da "aldeia global" e em tempo real, o "espectáculo" do terror, tornando muito próximo o atentado longínquo, e desta forma exponenciar os efeitos de terror por ele provocados e, segundo Veiga, os órgãos de comunicação social constituem o "mecanismo que subverte a relação entre os meios e os fins, maximizando o fenómeno como um espectáculo de dimensões épicas" (Veiga 2005).

Daniel Dayan diz-nos também que "sem a publicidade o terrorismo não existiria", e que a "violência consiste em significar", porquanto "a violência terrorista é, eminentemente comunicacional", logo "todo o acto terrorista é uma mensagem" (Dayan 2009, 22)

Ainda sobre o cenário dantesco do atentado Boston, Horgan recorda-nos uma lição, não sobre a psicologia dos terroristas, mas sobre a psicologia da resposta às suas acções terroristas (atentados), porque se considerarmos que grande parte da eficácia do terrorismo reside no facto dos seus autores desejarem ter muitos espectadores (para fomentar a propaganda ideológica), a resposta confusa proporcionou-lhes isso, alimentando a psicologia do terrorista (Henriques 2013, 28-29).

As investigações conduzidas por Scott Atran⁴ indicam que actualmente as conspirações terroristas contra alvos ocidentais tendem a ser pouco sofisticadas, e não controladas por organizações internacionais. Ao invés, parecem partir de redes domésticas ou mesmo caseiras, com o objectivo de defender menos uma causa, e mais os seus pró-

prios interesses (Araújo 2013).

Segundo Atran, os terroristas modernos em geral "motivam-se uns aos outros dentro de 'irmandades' de parentesco real ou fictício". Para eles "é como se a injustiça mundial ressoasse com aspirações pessoais frustradas, e a indignação daria sentido e impulso para a radicalização e a acção violenta". Desta forma, nasceu um "movimento sem hierarquia, com acções de menor amplitude e autónomas, em constante evolução por meio das redes sociais" que possibilitou a concretização de "ataques terroristas bem-sucedidos nos últimos anos tão anárquicos, fluidos e improváveis que os autores conseguiram passar despercebidos", sem os diversos serviços de informações (*intelligence*) conseguirem detectar e seguir os seus movimentos (Atran, *in* Araújo 2013).

Para Edwin Bakker, especialista em contraterrorismo da Universidade de Leiden, na Holanda, "os ataques da Al-Qaeda contra o Ocidente diminuíram em intensidade, mas os *jihadistas* passaram a incentivar jovens autónomos que vivem em países ocidentais a manter viva a ameaça terrorista". Bakker diz-nos ainda que se por um lado, "a possibilidade de haver um novo 11 de Setembro é mínima", porém "os terroristas solitários são muito mais difíceis de ser detectados e detidos" (Bakker, *in* Araújo 2013).

Um exemplo paradigmático que ilustra esta nova realidade de actuação do movimento *jihadista* mundial ocorreu em França, entre 11 e 19 de Março de 2012, onde Mohamed Merah, um "lobo solitário" francês de origem argelina, matou três soldados franceses (dois de origem magrebina e um do caribe), um rabino e três crianças judias de uma escola em Toulouse. Segundo o Ministério do Interior francês, Merah terá frequentado campos de treino no Paquistão e combateu no Afeganistão com os talibãs, sendo muito provável que a sua acção tenha sido uma alegada retaliação pela participação francesa na guerra no Afeganistão (Editorial El Pais 2012).



Recentemente, em 15 de Abril de 2013, cerca das 14h49 (hora local), enquanto a Maratona de Boston ainda estava a decorrer, duas explosões ocorreram no lado norte de Boylston Street ao longo do percurso final da Maratona. Os autores deste atentado foram dois irmãos de origem chechena, Tamerlan e Dzhokar Tsarnaev, de 26 e 19 anos, respectivamente, que detonaram dois engenhos explosivos improvisados em painéis de pressão, provocando três mortos e 282 feridos, incluindo vários queimados e mutilados nos membros inferiores (*Criminal Complaint in Guardian 2013*).

Posteriormente, em 22 de Maio de 2013, Lee Rigby um jovem militar de 25 anos, quando regressava ao seu quartel em Woolwich, nos arredores de Londres, foi deliberadamente atropelado e, de seguida, esquarterado com facas e cutelos pelos dois homens que seguiam na viatura. Um deles, Michael Adebolajo, dirigiu-se aos transeuntes, sem largar as armas e com o sangue a pingar das mãos, dizendo: "Há muçulmanos mortos diariamente por soldados britânicos (...), é olho por olho e dente por dente!" (Cordeiro 2013, 30).

O crime foi perpetrado por dois muçulmanos gri-

tando *Allah Akbar* (Allah é o maior) e, segundo Eduard Yitzhak, os dois homens cometeram o crime, alegadamente, seguindo a orientação da oitava surata, versículo 12 do Alcorão: "quando Allah revelou aos anjos. Estou convosco. Firmeza, pois, aos crentes! Infundirei o terror nos corações dos incrédulos. Decapitai-os e decepai-lhe os dedos!" (Yitzhak 2013).

Três dias depois, um extremista foi detido em Paris após apunhalar um soldado francês; e no dia seguinte, numa prisão de Yorkshire (Inglaterra), três reclusos islamitas apunhalaram um guarda prisional, antigo soldado (Cordeiro 2013, 30).

Rob Crowley⁵ considera que estes trágicos eventos podem espelhar uma mudança no terrorismo de inspiração islamista radical, porque as grandes organizações estruturadas, por incapacidade sua e devido à enorme pressão e eficácia da vigilância antiterrorista, recorrem ao que na gíria alguns autores designam por "terrorismo Nike" (devido ao *slogan* "Just do it"), mais barato e fácil de executar (Cordeiro 2013, 30).

Mas, antes destes eventos terroristas mais recentes, ocorreram vários episódios similares nos EUA que indicavam estar em curso uma mudança

⁵ Analista da consultora Risk Advisory.



no *modus operandi* do terrorismo *jihadistas*, após o 11 de Setembro de 2001. Pensemos no Major Hasan Nidal Assan (médico psiquiatra de origem palestina) que abriu fogo sobre os seus camaradas em Fort Hood, matando 13 pessoas (5/11/2009); em Faisal Shizad (de origem paquistanesa), que estacionou um carro-bomba em Times Square, Nova Iorque (01/05/2010); ou em Najibullah Zazi (também de origem paquistanesa), que em Setembro de 2009 tentou colocar bombas no Metro de Nova Iorque (Cardoso 2013, 29).

Todos estes acontecimentos revelam que para além das redes poderosas e organizadas, com capacidade para acções espectaculares em larga escala, emergiram os chamados “lobos solitários”, sendo os irmãos Tsarnaev que atacaram em Boston, um exemplo elucidativo.

Esta nova filosofia de actuação ou *modus operandi* do movimento *jihadista global*, através de acções realizadas por “lobos solitários” extremistas e autoradicalizados, surgiu como uma contramedida operacional às medidas de segurança, mais eficientes e eficazes, adoptadas pelos países ocidentais, conjugadas com uma melhor articulação e cooperação internacional entre os diversos serviços de informações e as forças e serviços de segurança

(Burke 2013) que alguns analistas também designam como *jihad* súbita (Yitzhak 2013).

Sobre este assunto, Joseph Young refere (Euronews 2013): “o que sabemos é que estas pessoas são relativamente incompetentes, mas difíceis de detectar. Não representam o mesmo risco para a segurança que a Al-Qaeda, porque não são capazes de destruir ou atacar grandes edifícios e provocar milhares de mortos. Têm escassos meios mas escapam mais facilmente à vigilância e podem atacar onde menos se espera”.

Todos estes trágicos acontecimentos têm por denominador comum a matriz islamista dos seus autores, contudo, os lobos solitários não são um exclusivo do movimento *jihadista* internacional.

Os EUA, nomeadamente, têm sido alvo de diversos ataques protagonizados por alguns cidadãos alienados e extremistas, como por exemplo o professor de matemática Ted Kaczynski (conhecido por *unabomber*) que enviou várias cartas e encomendas armadilhadas para vários Estados dos EUA (capturado em 03/04/1996), e o ataque com um camião-bomba contra um edifício federal, na cidade de Oklahoma, em 19 de Abril de 1995, executado por Timothy McVeigh, um veterano da guerra do Golfo (Miguel 2013, 85).

Na Europa destacou-se recentemente Anders Behring Breivik, um norueguês de 32 anos que em 22 de Julho de 2011, matou 77 pessoas e deixou mais de 240 feridas num ataque que foi considerado o mais brutal realizado na Noruega desde a II Guerra Mundial. Breivik explodiu um carro-bomba⁶ no centro de Oslo, junto de um edifício governamental, onde morreram oito pessoas, e horas depois assassinou a tiro 69 pessoas, na sua maioria adolescentes, no campo de Verão da juventude do partido trabalhista norueguês na ilha de Utoya (Guardian 2012).

Breivik revelou *online*, no seu manifesto islamo-fóbico de mais de mil e quinhentas páginas, publicado de imediato após os atentados, a sua motivação contra uma estratégia islâmica de controlo absoluto da Europa, não através de *ihadistas*, mas de uma predisposição demográfica que alguns países balcânicos e a Turquia supostamente têm, aliada a uma profunda condescendência dos governos europeus à presença de comunidades muçulmanas. Neste sentido, clamava “por uma guerra santa contra o que chama de futuros ‘mini-Paquistões’ (Albânia, Bósnia, Kosovo) e que já estão a dar cabo das fundações da nossa querida Europa, tão pura e católica” (Lima 2011).

Recentrando o nosso foco de análise no atentado da maratona de Boston e da investigação subsequente, a maioria dos observadores interrogou-se acerca da motivação que despoletou tal acto.

Neste sentido, também se questionou o Presidente norte-americano Barack Obama: “por que é que dois jovens que cresceram e estudaram nos Estados Unidos, fazendo parte das nossas comunidades e do nosso país recorreram a tal violência? E será que tiveram ajuda?” (Gomes 2013, 26).

Estas interrogações constituem o objecto deste trabalho que visa analisar o processo de radicalização e o recrutamento para as organizações *ihadistas* no Ocidente, onde dissecamos as quatro fases deste complexo e controverso processo, desde a pré-radicalização, passando pela auto-identificação, o doutrinarismo e a *ihadização*.

O PROCESSO DE RADICALIZAÇÃO

Como refere Alex P. Schmid, o termo “radicalização” não é apenas um conceito científico sócio-psicológico, mas também uma construção política, introduzido no debate público e académico, principalmente por responsáveis ligados ao sector da segurança que se confrontam com os dilemas colocados pelo Islão político em geral e o *ihadismo* salafista em particular (Schmid 2013, 19).

Ainda segundo Schmid, o conceito foi cunhado para destacar um relativamente limitado, conjunto de problemas de nível micro, relacionados com as causas do terrorismo que os governos ocidentais enfrentam e os seus esforços para combater, predominantemente, o terrorismo doméstico (*homegrown terrorism*) de membros da segunda e terceira gerações das diásporas muçulmanas (Schmid 2013, 19).

O processo de radicalização, como todos os fenómenos sociais, é complexo e dinâmico, sendo influenciado por múltiplas causas e factores, intrínsecas e extrínsecas, e por isso é heterogéneo e variável de indivíduo para indivíduo, assim como não tem necessariamente de terminar com a concretização de actos violentos ou terroristas (Precht 2007, 32).

Assim, o processo que conduz um militante *ihadista* à realização de acções terroristas, não é o resultado de um único factor que, de *per se*, possa ser considerado a causa catalisadora do processo de radicalização, mas sim, o corolário de uma combinação de factores que, no seu conjunto, explicam a razão pela qual emergem jovens muçulmanos, homens e mulheres, dispostos a realizar ataques terroristas e operações de martírio (Precht 2007, 32).

Christina Hellmich diz-nos que a radicalização é um longo processo de socialização que expõe os militantes às ideias e deliberações do movimento global liderado pela Al-Qaeda (Hellmich, *in* Ranstorp 2010, 73).

Para John Horgan “não há um perfil de terrorista que nos ajude a perceber a variedade de personalidades e dos grupos”, referindo que é “predomi-

⁶ O engenho explosivo foi construído com fertilizantes.

PELA LEI E PELA GREI

nantemente uma actividade masculina, embora haja cada vez mais mulheres a aderir (Henriques 2013, 28).

Acerca dos atentados da maratona de Boston, Horgan diz que “existe muita explicação sobre quando, porquê e como é que estes indivíduos se radicalizam”, acrescentando que “o contexto é muito importante: saber se foram radicalizados nos Estados Unidos, no estrangeiro, *online*, ou *online* em complemento com uma zona local, se foram influenciados por cidadãos norte-americanos ou estrangeiros” (Henriques 2013, 28)

Quanto ao processo de radicalização e ao recrutamento são dois termos que denotam fenómenos distintos, mas que geralmente acontecem em simultâneo. A radicalização incide sobre a mudança de atitude que pode levar alguém a adoptar métodos ilegais e provocar uma mudança política, iniciando-se normalmente com a procura de uma identidade, seguindo-se o encontro e a adopção de uma ideologia ou fé, a qual deve ser mantida e desenvolvida, funcionando como um alicerce e que por vezes, tem um efeito catalisador, levando à concretização do acto terrorista (Neumann 2008, 6-7; Silber e Bhatt 2007, 16).⁷

O recrutamento é o processo de ingresso num grupo e, conceptualmente, como refere Neumann, pode-se perspectivar o recrutamento como uma relação entre a radicalização e a procura activa de violência, enquanto para Michael Taarnby, representa a ponte entre a convicção pessoal e o activismo violento. Contudo, muitos elementos do processo de recrutamento não podem ser entendidos sem se analisar os caminhos individuais que levaram à radicalização, pelo que os dois processos não devem ser pensados totalmente separados, sendo necessário contextualizar o processo de adesão a um grupo violento, nomeadamente, a interacção entre a mobilização, as queixas ou ressentimentos e a ideologia que são factores críticos

para se compreender como os processos de recrutamento se processam (Neumann 2008, 6-7; Silber e Bhatt 2007, 16).

Como factores internos, podemos referir que um dos principais contributos para a radicalização é a falta de debate interno, nas comunidades islâmicas, relativamente à interpretação do Alcorão, o que alimenta a possibilidade da ideologia e das visões extremistas proliferarem (Roy 2004a, 303-309; Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 31-32).

A estigmatização e a fragmentação política das comunidades muçulmanas que vivem nos países ocidentais geram o ambiente propício para o desenraizamento e a marginalização da juventude muçulmana (da segunda e terceira gerações) que, conseqüentemente sente a necessidade de procurar uma identidade, inclusive nas margens violentas e radicais do Islão.

Nesta perspectiva, a generalidade das dificuldades sentidas pela diáspora muçulmana, bem como a generalidade do seu atraso sócio-económico, conjugado com um nível de integração nas sociedades europeias muito baixo e altos níveis de desemprego ou falta de oportunidades, induzem os jovens muçulmanos a pretenderem outras condições de vida e meios de desenvolvimento, o que reforça e potencia o caminho para a radicalização, surgindo a ideologia salafista *jihadista* como a panaceia que oferece um novo significado para as suas vidas (Roy 2004a, 303-309; Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 31-32).

Nestes cenários, existem as condições necessárias e suficientes para se iniciar o processo de radicalização, ao que não será indiferente a presença de *imãs* radicais em vários países da União Europeia, financiados principalmente pelos petrodólares provenientes da Arábia Saudita que difundem os valores e a ideologia extremista, principalmente a corrente salafista e, posteriormente, estabelecem a ponte, entre o vínculo interno e externo durante

⁷ O estudo realizado por Mitchell D. Silber e Arvin Bhatt, dois investigadores da Divisão de Informações do Departamento de Polícia de Nova Iorque, pretendeu perceber e compreender as tendências do processo de radicalização no Ocidente, tendo por base as lições apreendidas dos seguintes eventos terroristas: os atentados de 11 de Março de 2004, em Madrid; o Grupo Hofstad de Amsterdão que assassinou o cineasta Teo van Gogh; o atentado de 7 de Julho de 2005, em Londres; a operação Pendennis, na Austrália que frustrou um ataque em Novembro de 2005; e o Caso 18 em Toronto que evitou um ataque em Junho de 2006 (Silber e Bhatt 2007, 5).



o processo de radicalização (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 32).⁸

Estes líderes espirituais radicais exploram com muita acuidade, o discurso de glorificação da *jihad* e do martírio, principalmente entre os jovens muçulmanos, que como já referimos, são estigmatizados e discriminados pela sociedade de acolhimento. Deste modo, constituem alvos muito vulneráveis e até predispostos aos esforços de recrutamento, cuja tarefa é facilitada pelos meios de comunicação social que desempenham um papel importante na divulgação de informação e funcionam como catalisadores no processo de radicalização, tendo especial relevo e preponderância a *internet* (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 32).

Relativamente à dimensão extrínseca, destacamos a política externa dos países ocidentais, principalmente a política externa de segurança e defesa europeia no relacionamento com o mundo árabe e muçulmano, que pode constituir uma fonte de radicalização de indivíduos nas diversas comunida-

des muçulmanas e até pode transformar-se num forte catalisador de recrutamento e radicalização. Como os muçulmanos na Europa se identificam normalmente com os seus "irmãos" e "irmãs" dos países muçulmanos e com os seus problemas, o que, por sua vez, também afecta o comportamento dos seus correligionários europeus, geram factos que devidamente explorados pelos movimentos extremistas e radicais, constituem um dilema para a Europa (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 32-33). Por outro lado, no que concerne aos factores externos quando estes são transmitidos e percebidos por determinados grupos no Médio Oriente e sobretudo, explorados ideologicamente, constituem elementos importantes para a construção do seu paradigma. Neste sentido, destacam-se as injustiças e as humilhações sofridas pelos muçulmanos em vários conflitos importantes, desde a Bósnia, a Chechénia, a Palestina e o Iraque, que contribuem para a radicalização dos jovens muçulmanos na Europa (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 32-33).

⁸ Um relatório do *Centro Nacional de Inteligencia* (serviço de informações espanhol) enviado a 16 de Maio de 2011 para os ministros do Exterior, Interior e Defesa de Espanha, referia que a Arábia Saudita, Kuwait, Qatar, Emirados Árabes Unidos, Líbia e essencialmente, assim como o abandono escolar das jovens muçulmanas e casamentos forçados, entre outras coisas (Cembrero 2011; DN 2011).



De igual modo, é percebida a política ocidental, nomeadamente a dos EUA, nos países do Médio Oriente, onde é vista como uma forma velada de colonialismo ou neo-imperialismo e estimula o sentimento de injustiça e fraternidade relativamente ao vetusto conflito israelo-palestiniano (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 33).

Quanto às intervenções militares dos Estados ocidentais, estas constituem grandes contributos para a radicalização dos muçulmanos, principalmente, quando recorrem ao uso indiscriminado e em grande escala da força, o que potencia a existência de numerosas vítimas e de sofrimento, assim como os chamados “danos colaterais” que contribuem para a formação de uma percepção de injustiça sofrida pelos muçulmanos e reforça o paradigma do movimento salafista *jihadista* global que nas suas declarações de apoio às vítimas, principalmente através da *internet*, reitera a mensagem da sua causa, afirmando que o Ocidente pretende dominar o mundo muçulmano (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 33).

Como explicitamos, a radicalização começa frequentemente em pessoas frustradas com as suas vidas, a sociedade ou a política interna e externa

praticada pelos governos dos seus países e, deste modo, os principais factores no processo de radicalização, consistem em sentimentos de alienação, percepção de marginalização, opressão política, discriminação social ou racial, pobreza, experiências formativas no exterior, e principalmente, a *internet* aliada e conjugada com a aspiração de “querer fazer alguma coisa” (Precht 2007, 32; Silber e Bhatt 2007, 6).

Um padrão típico nestes indivíduos é que se conhecem e socializam com outras pessoas que perfilham as mesmas ideias e valores e, em conjunto, sob a influência de um líder espiritual, passam por uma série de eventos e fases que, em última análise podem levar à acção e ao cometimento de actos terroristas (Precht 2007, 32). No entanto, apenas algumas pessoas chegam à fase final do processo de radicalização e transformam-se em terroristas, acabando as restantes por parar ou sair do processo em fases diversas (Precht 2007, 32).

Sobre este ponto Alex P. Schmid salienta que a relação entre o radicalismo, a radicalização e o terrorismo é muito complexa. E, nesta perspectiva, considera que John Horgan observou correctamente que “a relação entre a radicalização e o

terrorismo é mal compreendida, pois nem cada radical se torna um terrorista nem cada terrorista tem opiniões radicais” (Schmid 2013, 17).

Marc Sageman⁹ num estudo que realizou em 2004, baseado numa amostra de 172 terroristas condenados pelos tribunais,¹⁰ concluiu que a adesão à *jihad* é um processo e não apenas uma decisão pessoal (Sageman 2004, 91). Nesta perspectiva, considera que a radicalização é um processo colectivo e não uma mera decisão individual, em que a amizade e o parentesco são as componentes fundamentais para transformar um muçulmano alienado num dedicado operacional do movimento *jihadista* global (Sageman 2004, 178). Neste processo, a ligação à *jihad* é o elemento comum aglutinador, que constitui um ponto-chave na dinâmica dos grupos e redes terroristas (Sageman 2004, 99).

Para Ongerling, a radicalização é um processo de desenvolvimento pessoal através do qual um indivíduo adopta ideias e objectivos políticos ou político-religiosos cada vez mais extremos, acreditando que a concretização destes objectivos se justifica através de métodos extremos (Ongerling 2007, 3).

Os serviços de informações holandeses consideram que o radicalismo tem “uma disposição crescente para seguir e apoiar, se necessário, por meios não democráticos - profundas alterações na sociedade que podem configurar um perigo para a ordem democrática” (AIVD 2004, 13).

Nesta perspectiva, diversos autores e estudos realizados sobre a radicalização têm demonstrado que este processo se desenvolve em quatro fases, sistematizando-as na pré-radicalização, passando pela auto-identificação, a doutrinação, e a *jihadização* (Silber e Bhatt 2007, 6).

Para Sageman, o processo individual tem as suas dinâmicas interpessoais, englobando os efeitos das circunstâncias e o sentido de indignação moral, uma interpretação específica do mundo, a ressonância com experiências pessoais e a mobilização

através de redes, as quais não são etapas de um processo, nem ocorrem sequencialmente: são simplesmente quatro fases recorrentes neste processo, o qual é conduzido por jovens muçulmanos, voluntários, que por vezes, perseguem sonhos de glória lutando por justiça e equidade, tentando impressionar os seus amigos e familiares com actos de heroísmo e de sacrifício, assemelhando-se por analogia aos ídolos da música pop e rock para a juventude muçulmana (Sageman 2007, 3).

Como refere Mina Al-Lami, apesar da identificação das diferentes fases, todos os estudos concordam que há uma fase de mudança individual (como o aumento da religiosidade ou a busca de identidade), que é reforçada com aspectos externos (a discriminação, o racismo, ou o ataque contra os muçulmanos nas guerras na Bósnia, no Iraque ou no Afeganistão), e finalmente a radicalização violenta que ocorre, normalmente, quando se convive com pessoas que partilham valores, ideias e interesses semelhantes (Al-Lami 2009, 2; Silber e Bhatt 2007, 6).

No entanto, estas fases não são claras nem distintas, pois podem sobrepor-se, assim como não são necessariamente sequenciais, pois um militante pode transpor etapas, chegando rapidamente à acção mais extrema ou inversamente, como já referimos, em caso de desilusão, abandonar o processo em qualquer ocasião (Al-Lami 2009, 2; Silber e Bhatt 2007, 6).

A radicalização pode iniciar-se a qualquer momento e em qualquer sítio, contudo mesquitas, prisões, organizações não governamentais, associações islâmicas, universidades e associações de estudantes, livrarias, cafés, albergues e locais de trabalho, são locais propícios e críticos para este processo se desenvolva. Estes espaços que Silber e Bhatt designaram como “incubadoras da radicalização”, funcionam como agentes de radicalização, sendo geralmente locais de paragem, encontro e de reunião destes militantes, gerando o ambiente

⁹ Marc Sageman é um psiquiatra forense e consultor de contra-terrorismo. Foi Diretor de Operações da CIA (encoberto como funcionário do *Foreign Service*) e esteve entre 1987-1989 em Islamabad, onde trabalhou em estreita colaboração com os *mujahedin* do Afeganistão.

¹⁰ Este autor começou a construir a sua amostra após os atentados de 11 de Setembro de 2001 que descreveu em “Understanding Terror Networks” (Sageman 2008, 27).

propício ao desenvolvimento de uma comunidade com uma subcultura radical, onde se difunde a retórica e a narrativa extremista e *jihadista* (Silber e Bhatt 2007, 8-9 e 20).

Peter Neumann classifica estes potenciais locais de radicalização e recrutamento em três categorias. Em primeiro, coloca os locais de congregação (*places of congregation*), que são os pontos de encontro ou reunião dos muçulmanos, como as mesquitas. Na segunda categoria, inclui os locais de vulnerabilidade (*places of vulnerability*), onde os muçulmanos podem ser submetidos a situações de stress e alienação e, neste sentido, são potencialmente vulneráveis a abordagens extremistas, como no ambiente prisional (Neumann 2008, 21).

A terceira categoria, os ímanes de recrutamento (*recruitment magnets*) são simultaneamente locais de congregação e vulnerabilidade que os recrutadores percorrem com o objectivo de detectar indivíduos receptivos à causa radical que procuram uma oportunidade para se juntarem ao movimento (Neumann 2008, 21).

A *internet* funciona como incubadora virtual e elo de ligação, proporcionado os contactos e deste modo, facilita o processo de radicalização. Na fase de auto-identificação, a *internet* oferece aos jovens muçulmanos em conflito ou potenciais conversos, o acesso directo à ideologia radical e extremista. Funciona também como um encontro virtual anónimo, onde grupos virtuais de indivíduos com sentimentos e conflitos idênticos se podem encontrar, formar relacionamentos, discutir e partilhar a mensagem da causa salafista *jihadista* (Silber e Bhatt 2007, 8).

Sageman, recorrendo a uma analogia de Adam Smith, diz-nos que “a *internet* islâmica se transformou na mão invisível global, organizando o terrorismo do movimento salafista global a nível mundial”. Perante este panorama, este autor considera que é a “comunicação efectuada através do computador que permite a existência desta organização, descentralizada e sem liderança, cujos

fóruns (vulgo salas de conversação) constituem o seu centro de gravidade”, possibilitando deste modo que, “a estrutura da internet se tenha transformado na estrutura do terrorismo global islâmico” (Sageman 2008, 121).

Durante a fase de doutrinação, quando adoptam esta ideologia, os militantes começam a interpretar o mundo a partir deste contexto recém-formado. A *internet* permite ao aspirante a *jihadista* ver o mundo e os conflitos globais através desta lente extremista, reforçando ainda mais os objectivos e os argumentos da causa (Silber e Bhatt 2007, 8-9). Neumann, Donatella della Porta e Sageman, entre outros, consideram que o processo de recrutamento ou adesão a um movimento extremista violento é uma actividade social complexa em que o recrutador e o militante candidato desempenham um papel activo, referindo Sageman que na maioria das vezes, os recrutadores desempenham as funções de “guardiões” (*gatekeepers*) nas mesquitas, observando o seu ambiente com a predisposição de subverter alguém mais ingénuo ou passivo (Neumann 2008, 31; Sageman 2007, 122).

Neste particular, destacou-se Abdullah Ibn Yusuf Azzam¹¹ como recrutador exímio, o qual na perspectiva de Aristegui, “tinha um olho clínico extraordinário para as pessoas”, tendo funcionado no universo radical como um verdadeiro psicólogo, pois sabia muito bem qual a utilidade que poderia retirar de cada um dos seus novos recrutas. As suas técnicas para detectar e definir personalidades ainda continuam a ser adoptadas, de forma consciente ou inconsciente, pelos diversos movimentos islamistas e organizações salafistas *jihadistas*, especialmente por recrutadores, doutrinadores ou formadores nos campos de treino (Aristegui 2005, 85).

Azzam percebia que cada militante era diferente e distinto, e nem todos podiam nem deviam ser mártires, assim como considerava que alguns tinham de ser preservados, devido à sua origem familiar ou social, ou ainda pela sua capacidade de liderança, carisma ou mesmo experiência em áreas

11 Azzam foi um Irmão Muçulmano de origem jordano-palestiniana. Foi um dos mestres de Bin Laden e o seu primeiro líder espiritual no *jihadismo* violento, tendo esboçado a estrutura inicial do que viria a ser a Al-Qaeda (Gunaratra 2004, 88-99; Aristegui 2005, 84-85).



úteis para a organização (Aristegui 2005, 85).

Regressando ao papel desempenhado pelos *imãs* no movimento islamista europeu, um estudo recente citado por Neumann, concluiu que os alegados “pregadores radicais” desempenham papéis centrais nos “estágios iniciais da formação de uma rede terrorista ou seja, durante o processo de radicalização e recrutamento, estabelecendo os contactos entre os diversos militantes, sem demonstrar nada relacionado com qualquer formação ou planeamento táctico” (Neumann 2008, 35).

Perante tais conclusões e outros estudos, Neumann concluiu que os *imãs* radicais podem desempenhar quatro funções principais (Neumann 2008, 35):

- Lideram a propaganda do movimento salafista *jihadista* global, difundindo a retórica, as mensagens e a narrativa que consideram relevantes para a vida dos muçulmanos europeus, especialmente os filhos de emigrantes de segunda e terceira geração.
- Intervêm na qualidade de autoridades religiosas, mesmo quando não possuem nenhuma formação religiosa ou outras credenciais teológicas, produzindo *fatwas* para justificarem as acções do *jihadismo* violento.

- Actuam como pólos atractivos (ímanes) para o recrutamento, cujo papel é atrair seguidores de uma vasta área geográfica, facilitando a integração com o movimento.

- Promovem a criação de redes de redes, fazendo a ligação ou a ponte entre a célula individual, os pequenos grupos e as redes nacionais e internacionais, proporcionando deste modo, a união ou a “cola humana” que mantém o movimento salafista *jihadista* global unido.

Quanto aos locais de radicalização ou recrutamento, quer pela sua importância quer pelo seu significado, destacamos a mesquita e a prisão. Devido ao papel central da mesquita na vida das comunidades muçulmanas, não foi surpresa a sua utilização pelos extremistas, porque nestes locais dispõem de boas condições para operar, nomeadamente, na exploração das mesquitas como locais de mobilização e recrutamento (O’Neill e McGrory 2006, 115-116; Neumann 2008, 22).

O objectivo de muitos líderes islamistas na Europa até 2000, passava pela tentativa de controlo de algumas mesquitas para as transformarem em centros operacionais e de recrutamento para operações *jihadistas*, mas passaram a ser essen-



cialmente locais facilitadores de recrutamento e apoio logístico do extremismo violento, como a mesquita de al-Quds, em Hamburgo, o Centro Cultural Islâmico de Milão ou a mesquita de Finsbury Park, em Londres (Neumann 2008, 22). Pelo seu destaque e importância, faremos uma breve sinopse sobre a mesquita de Finsbury Park,¹² a qual foi inaugurada há cerca de 20 anos, com o objectivo de ser um centro de culto pacífico e vista como um símbolo do multiculturalismo na Grã-Bretanha, sendo inicialmente apoiada pelo Príncipe de Gales. Contudo, como os arquivos de Guantánamo divulgados pela *WikiLeaks* demonstraram, foi com relativa facilidade que o radicalismo assumiu a sua liderança e controlo, revelando que, até ao final dos anos 1990 a mesquita de Finsbury Park, transformou-se num “refúgio” para onde os jovens extremistas, descontentes e provenientes de todo o

mundo, foram canalizados e ali radicalizados, antes de seguirem para campos de treino da Al-Qaeda no Afeganistão (Swinford 2011).¹³

Esta realidade é corroborada pelo facto de pelo menos 35 reclusos do “Estabelecimento Prisional” de Guantánamo, terem passado pela mesquita de Finsbury Park e por uma rede de centros usados pelos extremistas na Grã-Bretanha, onde se incluem a mesquita de Regent Park, a mesquita de East London e um quarto alugado por cima do clube *Four Feathers Youth*, situado nas imediações de Baker Street (Swinford 2011).

Estes dados também confirmam o que vários estudos e relatórios reportavam, nomeadamente, que as mesquitas se tornaram centros de recrutamento para a célula europeia da Al-Qaeda liderada por Abu Hamza¹⁴ e Abu Qatada¹⁵, um clérigo fanático descrito pelos serviços de informações britânicos como o

12 A Mesquita Central do Norte de Londres (conhecida até 2005 como mesquita de Finsbury Parque) foi construída na década de 1990 (o edifício principal foi inaugurado em 1994) para servir a população muçulmana da área.

13 Os novos recrutas eram enviados para o campo de treino de al-Faruq, situado perto de Kandahar, no Afeganistão, onde recebiam quatro fases de treino básico que englobavam o manuseamento de armamento ligeiro e explosivos, treino físico, cartografia e topografia. Após a conclusão do curso básico, os melhores recrutas tinham a oportunidade de passar para uma fase de treino mais avançado, ao estilo das forças especiais, em Farm Tarnak, onde aprendiam técnicas e táticas de *sniper*, de operações em ambiente de montanha ou urbano, manuseamento de armas pesadas (como morteiros) e métodos de sequestro, assassinato e de emboscadas, assim como eram preparados, para resistirem a interrogatórios (Swinford 2011).

14 É um imã radical que actualmente é um dos reclusos da prisão de alta segurança em Belmarsh, onde cumpre uma pena de prisão de sete anos (Swinford 2011).

15 Após oito anos de tentativas frustradas, o Governo britânico deportou em 07/07/2013, o líder religioso Abu Qatada para a Jordânia, na sequência de um novo tratado de extradição assinado entre os dois países. Outrona descrito como “embaixador de Bin Laden na Europa”, Qatada vai voltar a ser julgado por acusações de terrorismo (Pereira 2013).

“embaixador de Osama bin Laden para a Europa” (Swinford 2011).

Destarte, as mesquitas tornaram-se o domicílio de muitos jovens, proporcionando apoio logístico (alojamento e alimentação) e um sentimento de comunidade, mas para os clérigos extremistas que as dirigiam, estes jovens eram considerados potenciais recrutas para os grupos *jihadistas* (Swinford 2011).¹⁶ Recentemente, o papel desempenhado pelas mesquitas no recrutamento alterou-se devido a três desenvolvimentos no terreno. As mesquitas que inicialmente funcionaram como locais atractivos para o recrutamento deixaram de existir, devido ao seu encerramento pelas autoridades, ou pelo facto de terem passado a ser dirigidas por *imãs* mais moderados (Neumann 2008, 22).

Em segundo lugar, principalmente após os atentados de 2004, em Madrid, e de 2005, em Londres, muitas comissões que lideravam diversas mesquitas na Europa, passaram a prestar mais atenção aos crentes mais extremistas e às suas actividades, aplicando regras muito rígidas que podemos qualificar de “tolerância zero”. Por último, e na sequência de vários atentados, muitos crentes passaram a acreditar que as mesquitas estavam sob constante vigilância das forças de segurança e dos serviços de informações, o que terá contribuído para dissuadir os extremistas (Neumann 2008, 22).

Relativamente à situação nos estabelecimentos prisionais, pela sua natureza específica, também são ambientes propícios ao recrutamento, apesar de serem intrinsecamente muito diferentes das mesquitas (Neumann 2008, 25).

As mesquitas têm um ambiente menos controlado, em contraste com as prisões que pela sua própria natureza, são espaços confinados com acesso e circulação muito restrita. Contudo, devido ao aumento de muçulmanos entre a população prisional, passaram a ser locais excepcionalmente propícios para a radicalização e o recrutamento, porquanto os reclusos são confrontados com várias questões, especialmente as do foro pessoal

e existencial, o que incrementa e facilita a sua conversão à religião ou até o seu renascimento religioso, muito mais do que noutros ambientes, pois a religião oferece-lhes segurança e dá respostas a algumas das suas questões fundamentais, provocando rupturas inevitáveis com o passado (Neumann 2008, 25).

Neste aspecto, como bem ilustrou Farhad Khosrokhavar, o Islão tem-se tornado um símbolo de rebeldia que confronta o sistema (Khosrokhavar, *in* Smith 2004; Neumann 2008, 25-26): “O Islão está a tornar-se na Europa, especialmente em França, a religião do recalcado, substituindo aquilo que o marxismo outrora representou na Europa”.

No meio ambiente prisional de alguns países europeus, sobretudo em França e na Grã-Bretanha, têm-se formado grupos de radicais e extremistas islâmicos, os quais geralmente adoptam uma retórica agressiva e impõem códigos rígidos de comportamento aos militantes islâmicos, destacando-se dois elementos essenciais para quem pretende integrar e participar nestes grupos (Neumann 2008, 26).

O primeiro advém do apoio prestado pelo grupo aos novos reclusos que, sozinhos e confrontados com um universo novo, diferente e geralmente adverso, são reconfortados pela inserção no grupo, o que é de primordial importância vital para a vida social em ambiente prisional, pois permite-lhes evitar o isolamento e garante protecção física contra outros reclusos (Neumann 2008, 26).

Por outro lado, a adesão a um grupo islâmico *jihadista*, por oposição a outros grupos de reclusos que, na sua maioria estão ligados ao crime comum que caracteriza o ambiente prisional, dá aos membros uma sensação única de força e até superioridade, porquanto, o comportamento dos grupos *jihadistas* neste ambiente oscila entre uma calma aparente e momentos de agressividade, o que naturalmente produz uma sensação de medo e respeito entre os restantes reclusos, incluindo até o corpo dos guardas e funcionários do sistema

¹⁶ Dados disponíveis nos arquivos de Guantánamo revelam que alegadamente muitos jovens foram objecto de “lavagens cerebrais” com o visionamento de vídeos com alegadas atrocidades cometidas contra muçulmanos na Bósnia e na Chechénia, assim como foram submetidos a palestras de Abu Hamza e Abu Gatada, destacando as virtudes do “Estado Islâmico Puro” que poderiam encontrar no Afeganistão (Swinford 2011).

prisonal (Neumann 2008, 26).

Neste ambiente, o processo de radicalização e/ou recrutamento com o movimento *jihadista* processa-se de duas formas. Uma delas é através dos *imãs* radicais que alegadamente garantem a assistência religiosa aos reclusos, o que representa um problema para os governos europeus, como tem sido reconhecido publicamente. A outra forma de ligação com a *jihad* pode ser estabelecida através de reclusos que já eram militantes islamistas. Neste sentido facilitam os contactos com a rede no exterior, mas sobretudo, a sua reputação irá ajudá-los a cativar outros reclusos para a sua causa (Neumann 2008, 27).

Segundo John Horgan, o terrorismo é essencialmente um “processo de grupo”, porquanto este desempenha um papel importante ao modelar o comportamento de alguém, durante o processo inerente à sua transformação em terrorista, assim como tem um papel ainda mais óbvio, ao defender e promover o uso da violência (Horgan 2005, 108). Sageman refere que “ninguém nasce terrorista, as pessoas tornam-se terroristas”, justificando esta afirmação pelo facto de esta transformação ser o resultado de um processo que engloba especialmente as relações de amizade e parentesco de cada indivíduo e o ambiente que o rodeia (Sageman 2008, 18-24; Ranstorp 2010, 5).

A maioria dos estudos e investigações sobre processos de radicalização têm demonstrado a falta de um perfil comum e coerente que possa ajudar a identificar potenciais terroristas (Home Office 2005, 31) ou seja, a característica comum entre eles parece ser a normalidade, podendo qualquer pessoa ser um potencial terrorista. Neste universo, encontram-se desde cidadãos ocidentais e com boa formação académica, até quem tenha beneficiado de asilo por diversas razões e estudantes, entre outros indivíduos, aparentemente, bem integrados nas sociedades ocidentais, assim como indivíduos pobres e com dificuldades sócio-económicas. (Al-Lami 2009, 3).

Na maioria dos casos registados, estão indivíduos solteiros que cumpriam as leis do país onde viviam,

apesar de alguns terem cometido pequenos delitos criminais, e alguns foram casados e tinham filhos. Por outro lado, alguns tiveram infâncias problemáticas e famílias disfuncionais, enquanto outros vieram de famílias estáveis e felizes (Al-Lami 2009, 3).

Al-Lami referindo-se aos estudos que abordam os perfis de diversos militantes *jihadistas*, diz-nos que estes geralmente estabelecem diferenças entre os muçulmanos da diáspora no Ocidente. Os indivíduos oriundos dos países do Norte de África, normalmente residem em França, Espanha e Holanda, são relativamente pobres e envolvem-se em pequenos crimes, factores que influem nos seus processos de radicalização (Al-Lami 2009, 3).

Quanto aos muçulmanos oriundos do Sul da Ásia, residem principalmente na Grã-Bretanha e, geralmente têm uma situação económica melhor, mas também são vítimas de exclusão social, a qual inspira sentimentos de humilhação e raiva. Por outro lado, os muçulmanos provenientes do Médio Oriente, na sua maioria, são estudantes e usufruem de boas condições sociais e económicas, pelo que a sua motivação para ingressar nos movimentos *jihadistas* decorre de ressentimentos políticos e dos conflitos no Médio Oriente, assim como da sua familiaridade com a doutrina e a ideologia salafista (Al-Lami 2009, 3).

A PRÉ-RADICALIZAÇÃO

A primeira etapa no processo de radicalização ou pré-radicalização constitui o ponto de partida ou iniciático dos indivíduos, desde o seu ambiente e estilo de vida, incluindo a religião, condição social, vizinhança e educação, pouco antes do início da sua jornada pelo caminho da radicalização, o qual é largamente influenciado por factores intrínsecos e extrínsecos a cada indivíduo (Silber e Bhatt 2007, 6 e 22; FBI 2006, 3).

Estes indivíduos têm todo o potencial para se tornarem violentos e, normalmente entram no processo de radicalização, através de quatro *backgrounds* diferentes: os crentes; os convertidos por protesto; os que procuram a aceitação; e aqueles que renascem reinterpretando a sua fé (FBI 2006, 3).



Este fenómeno transnacional de radicalização no Ocidente surge, em grande parte, em função das pessoas e do ambiente em que vivem, verificando-se que a transformação em terroristas dos indivíduos que nasceram, cresceram ou foram acolhidos no Ocidente, é um processo que não é desencadeado pela opressão, sofrimento, vingança ou desespero, e neste sentido, é muito diferente do ambiente proporcionado no Médio Oriente, muito marcado pelo conflito israelo-palestiniano (Silber e Bhatt 2007, 6-8).

Deste modo, é um fenómeno que advém da falha da Europa na integração da segunda e terceira gerações de imigrantes, tanto económica como socialmente, deixando muitos jovens muçulmanos divididos entre o Ocidente secular e a sua tradicional herança religiosa, o que catalisa o conflito interior e induz a vulnerabilidade destes jovens (que procuram uma identidade e uma causa) face à ideologia e retórica do Islão extremista e radical, as quais são altamente difundidas e muito bem aceites entre a juventude muçulmana no Ocidente (Silber e Bhatt 2007, 6-8).

O ambiente demográfico de um determinado local, seja um bairro, uma vila, cidade, distrito ou Estado,

desempenha um papel significativo, proporcionando o terreno fértil para a introdução e crescimento do radicalismo, destacando-se os “enclaves” de população maioritariamente muçulmana, como as comunidades da diáspora no Ocidente, que muitas vezes servem como “santuários ideológicos” para as sementes da ideologia salafista *jihadista*. Além disso, quanto maior o grau de pureza e isolamento destas comunidades, mais vulneráveis se tornam à penetração do extremismo, sob o pretexto de que representa a forma mais pura e devota do Islão (Silber e Bhatt 2007, 20-22).

As pessoas geralmente iniciam o processo de radicalização individualmente, mas, à medida que progredem pelas várias fases ou estágios de radicalização, procuram apoio em alguém que partilhe os mesmos sentimentos, valores e pontos de vista da causa que abraçaram, formando pequenos grupos que emergem, essencialmente, na transição para a fase de *jihadização*, a mais crítica e que conduz à realização de operações de martírio (Silber e Bhatt 2007, 9).

Geralmente vivem, trabalham, divertem-se ou rezam nos “enclaves” das comunidades muçulmanas, em que o género, a idade, o estatuto social da



família, a fase da vida, bem como diversos dilemas psicológicos afectam a vulnerabilidade para a radicalização. Como já referimos, uma diversificada e complexa gama de factores sócio-económicos e psicológicos são associados àqueles que optam pela radicalização, desde a frustração com o insucesso escolar, o desemprego, as dificuldades de integração, a pequena criminalidade, entre outros. Assim, a similitude de factores como a idade, a residência, a escola, interesses, personalidades e etnias são críticos para induzir alguém a aderir a um determinado grupo ou célula (Silber e Bhatt 2007, 22).

Os jovens do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 35 anos são particularmente vulneráveis a esta realidade, destacando-se os estudantes e os oriundos de famílias de classe média, porque constituem uma faixa etária geralmente muito orientada para a acção que, por vezes, atravessam fases difíceis em que procuram a sua identidade ou identificação, bem como um caminho e um significado para a sua vida (Silber e Bhatt 2007, 22).

A psicóloga clínica Margaret Thaler Singer

enunciou em 1995, com algum detalhe, a psicodinâmica que está na génese de “terroristas domésticos” em geral, e o apelo do Islão radical aos jovens em fase de transição, em particular, nomeadamente a vulnerabilidade dos indivíduos perante a sedução de um culto explorador (Singer *in* Olsson 2013, 3).¹⁷

Singer diz-nos que os indivíduos vulneráveis são solitários e podem encontrar-se em fase de transição entre o ensino secundário e o superior, entre a faculdade e um emprego ou que saíram de casa ou chegaram a um novo local, terminaram uma relação ou divorciaram-se recentemente, perderam inesperadamente o emprego ou por outro lado, sentem-se sobrecarregados com a evolução dos acontecimentos ou ainda, não sabem o que fazer na vida. Importa também salientar que as inquietações pessoais são comuns e nestes momentos, qualquer indivíduo está naturalmente mais aberto à persuasão, mais sugestível, mais disponível para aceitar algo que lhe seja oferecido, sem pensar que pode implicar restrições ou contrapartidas (Singer *in* Olsson 2013, 3).

Peter A. Olsson¹⁸ refere que os mesmos traços psicodinâmicos observados em indivíduos podem também aplicar-se a comunidades ou mesmo a países em transição, deixando-os vulneráveis, numa escala superior, aos esforços de recrutamento terrorista. Isto é particularmente verdadeiro para adolescentes e jovens adultos descontentes, seja no Afeganistão após a ocupação soviética; no Iraque após a derrota de Saddam Hussein; no período politicamente instável do Líbano após a saída das forças armadas sírias; ou na instabilidade permanente da Somália e do Iémen, não esquecendo as recentes revoltas nos países do Norte de África e do Médio Oriente, territórios que pela sua instabilidade constituem um terreno fértil para os esforços de recrutamento *jihadista* (Olsson 2013, 4).

Perante este cenário complexo, Olsson considera que o culto da Al-Qaeda foi construído sobre uma conjugação complexa da teologia *jihadista* que proclama uma “causa justa” para o grupo terrorista, postulada por Bin Laden ou Anwar al Awlaki, entre outros líderes, que usavam e distorciam os ensinamentos muçulmanos em benefício dos próprios fins de recrutamento e doutrinação dos recrutas (Singer in Olsson 2013, 4).

Por outro lado, muitas *madrassas* (as escolas religiosas muçulmanas tradicionais) podem funcionar como escolas preparatórias para a *jihad*, enquanto os seus campos de treino e algumas mesquitas radicais no Ocidente doutrina os jovens e proporcionam os ambientes ideais que satisfazem as seis condições que Singer delineou como necessárias para implementar os processos de reforma do pensamento, vulgo lavagem cerebral (Singer in Olsson 2013, 4; Singer 2003, 64-69): *Manter a pessoa sem saber que existe uma agenda para a controlar ou mudar*. Nos campos de treino terroristas utiliza-se a modelagem e a pressão dos pares, assim como a formação militar com armamento e explosivos para os jovens revoltados. O incitamento *jihadista* radical é apresentado aos recrutas como uma extensão

normal do estudo e memorização do Alcorão.

Controlar o tempo e o ambiente (social e físico), incluindo contactos e informações. Esta condição realiza-se facilmente em campos da Al-Qaeda, para onde os *jihadistas* são enviados frequentemente.

Criar um sentimento de impotência, medo e dependência. Os líderes carismáticos pregam uma fantasia de poder grandioso, misturada com visões da *jihad* vitoriosa que geram sentimentos de medo e impotência nos recrutas, despojando-os do seu sistema de apoio social e da sua capacidade de agir de forma independente.

Suprimir o comportamento e as atitudes anteriores. Os islamistas não permitem o debate ou a dialéctica da discussão, rebatendo todas as crenças, atitudes, actividades e comportamentos prévios ao ingresso no grupo.

Incutir novos comportamentos e atitudes. Os grupos terroristas manipulam os seus membros através de um sistema de recompensas, de prestígio financeiro e social, conforme evoluem na sua nova identidade e ideologia terrorista. O Paraíso é a recompensa prometida por *Allah* aos mártires *jihadistas*; encarregando-se a organização islamista da compensação das suas famílias.

Implementar um sistema de lógica fechada. Isto é conseguido através da inculcação de uma perspectiva de soma nula: nós contra eles ou seja, o grupo dos verdadeiros crentes versus o grupo dos infiéis.

Sageman, no estudo já referido, rejeita as noções comuns de recrutamento e de lavagem cerebral, considerando que os laços sociais são cruciais neste processo, e precedem mesmo o compromisso ideológico, destacando três factores determinantes para a adesão ao movimento *jihadista* (Sageman 2004, 107-135): a inserção social (facilita a tarefa através da amizade, do parentesco e também dos seguidores ou discípulos, mas apenas se verificou no Sudeste Asiático); a progressiva identificação com a ideologia salafista *jihadista* global; e a aceitação formal através do encontro com um elemento de ligação à *jihad*.

Para Sageman, o parentesco, a predisposição

18 Peter A. Olsson é um médico psiquiatra e psicanalista aposentado. Ao longo da sua vida, exerceu psiquiatria e psicoterapia, tendo leccionado psicoterapia em Houston durante 25 anos e, posteriormente, em New Hampshire.

PELA LEI E PELA GREI

religiosa e o apelo ideológico são condições necessárias, mas não suficientes, para explicar a decisão de alguém se tornar um *mujahidin*. Deste modo, os laços sociais internos ao grupo são o elemento crítico neste processo, porque facilitam o processo de adesão à *jihad*, através do apoio social e emocional mútuo, desenvolvendo uma identidade comum e incentivando a adopção de uma nova fé (Sageman 2004, 135).

O “pensamento de grupo” constitui um dos mais poderosos catalisadores para orientar um grupo que pretende cometer uma operação de martírio, pois actua como uma força multiplicadora, e propicia um ambiente competitivo entre os membros do grupo, para ver quem é o mais radical. Neste universo, apesar de existirem muitos grupos ou indivíduos que estão no caminho da radicalização, cada grupo precisa de certos arquétipos para poder evoluir, passando de um “conjunto de indivíduos” para se organizarem numa célula operacional terrorista (Silber e Bhatt 2007, 9).

Silber e Bhatt concluíram no seu estudo que todos os grupos possuíam, na sua organização, um líder espiritual e um líder operacional. O primeiro (nalguns casos foi o elemento nuclear, a partir do qual se formou a célula terrorista) para proporcionar a justificação teológica para a *jihad*, que é um factor essencial para o terrorista suicida. O segundo é fundamental quando o grupo decide realizar a operação terrorista, principalmente para organizar, controlar e manter o grupo motivado¹⁹ e concentrado na sua missão (Silber e Bhatt 2007, 9).

Estes para Gustave Le Bon, são homens carismáticos mas “pouco clarividentes”, pois nem podem sê-lo, “porque a clarividência conduz normalmente à dúvida e à inacção” e “o desprezo e as perseguições não fazem mais do que excitá-los ainda mais, sacrificando mesmo, os interesses pessoais e familiares” (Le Bon 2005, 120).

A radicalização de um indivíduo ou grupos de in-

divíduos ocidentais, como já referimos, nem sempre resulta na prática de um atentado terrorista no Ocidente, pois alguns apenas pretendem realizar a *jihad* fora da Europa, tornando-se *mujahidin*, a mítica imagem do herói e guerreiro, amplamente difundida pela internet e que atrai especialmente os jovens muçulmanos do sexo masculino entre os 15 e os 35 anos, a faixa etária mais vulnerável às visões de bravura, honra e sacrifício da sua causa (Silber e Bhatt 2007, 9).

Segundo Neumann, existem três fases durante o qual as mensagens salafistas *jihadistas* têm um papel importante na promoção do processo de recrutamento. A primeira ocorre durante a criação ou a exploração de uma crise pessoal. A segunda surge durante o período em que os indivíduos interiorizam a ideologia do movimento religioso, enquanto a terceira e última fase destina-se a justificar a utilização da violência e representa o culminar do processo (Neumann 2008, 43).

Quintan Wiktorowicz, um professor universitário e especialista em islamismo, que investigou a Al-Muhajiroun²⁰, uma organização islamista radical, descreve o caminho para o radicalismo religioso como um processo de quatro etapas²¹ (Wiktorowicz in Beutel 2007):

1. *Abertura cognitiva* - o indivíduo torna-se receptivo à possibilidade de novas ideias e visões do mundo;
2. *A busca religiosa* - o indivíduo procura significado através de uma linguagem religiosa;
3. *O Enquadramento* - a representação pública oferecida pelo grupo radical “faz sentido” para o indivíduo e atrai o seu interesse inicial;
4. *A Socialização* - as experiências individuais, nomeadamente as sessões e actividades de formação religiosa facilitam a doutrinação, a construção de identidade e alteram os valores religiosos. Este investigador considera que as três primeiras

¹⁹ A motivação é algo que dá energia, sustenta e orienta o comportamento e divide-se em duas vertentes: a motivação intrínseca, que é a mais forte, e concentra-se na actividade como um fim em si mesmo, e a motivação extrínseca, direccionada para a actividade como um meio para se atingir o fim (FBI 2006, 5).

²⁰ A Al-Muhajiroun é uma organização islâmica, fundada na Grã-Bretanha por Omar Bakri Mohammed, em Janeiro de 1986. Foi associada ao terrorismo internacional, à homofobia e ao anti-semitismo, sendo proscrita em 14 de Janeiro de 2010, sob o “Terrorism Act 2000”.

²¹ Ver o diagrama de Wiktorowicz no Apêndice B.22 Já foram publicados *online* dez números da revista “Inspire”.



fases do processo são condições prévias e necessárias para a quarta (socialização). Por outras palavras, se um indivíduo não está aberto a novas ideias, não encontra ou rejeita a mensagem do movimento após a sua exposição inicial, provavelmente não participará nas diversas atividades que o movimento promove para divulgar a sua ideologia e convencer outros indivíduos a aderirem (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Assim, explicações como as que enfatizam a integração e o descontentamento social, económico e político entre as minorias muçulmanas e as sociedades de acolhimento, são consideradas causas directas para alguns muçulmanos aderirem a organizações radicais e até mesmo violentas (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

A AUTO-IDENTIFICAÇÃO

Esta etapa é largamente influenciada por factores intrínsecos e extrínsecos e define o momento a partir do qual alguém se identifica e inicia a viagem pelo Islão salafista, enquanto lentamente vai migrando da sua identidade anterior para a nova identidade, baseada e redefinida pelos valores da ideologia e filosofia salafista. O catalisador para

esta introspecção e procura religiosa é muitas vezes um evento cognitivo, ou de crise existencial que desperta o indivíduo para uma nova percepção ou visão do mundo (Silber e Bhatt 2007, 30).

Os conflitos pessoais e/ou políticos são muitas vezes a causa que dá origem a uma crise de identidade.

Uma crise pessoal pode ocorrer após a morte de um familiar ou quando alguém pretende dar uma nova direcção à sua vida ou regressar à religião para enfrentar diversas crises da vida, como decepções ou erros do passado, a solidão, entre outros exemplos de conflitos pessoais e existenciais com que muitos muçulmanos se debatem no Ocidente. Durante esta fase de conflito, as principais influências surgem através da “procura religiosa”, efectuada em redes sociais de confiança, de amigos, familiares, líderes religiosos, assim como através da literatura e da *internet* (Silber e Bhatt 2007, 30).

A crise política é, por vezes, provocada ou desencadeada através de “choques morais”, difundidos através de literatura, palestras, televisão, *sites* e fóruns de conversação na *internet*, vídeos ou outros meios de comunicação, que constituem os



argumentos táticos usados pelos radicais para difundirem as suas mensagens ideológicas e políticas, as quais associam a atrocidades e ultrajes cometidos por ocidentais contra as diversas comunidades do Islão, principalmente no Afeganistão, Bósnia, Chechênia, Caxemira, Israel/Palestina e Iraque (Silber e Bhatt 2007, 30).

A exposição frequente a estas campanhas extremistas pode originar sentimentos de indignação moral, principalmente naqueles que atravessam uma crise de identidade, provocando um sentimento de renascimento religioso que muitas vezes é acompanhado por uma interpretação radical do que significa ser um crente muçulmano numa sociedade ocidental ou onde a maioria da população não professa a fé islâmica (Silber e Bhatt 2007, 30).

Como a agenda extremista goza de elevada popularidade, quem busca respostas para as suas inquietações e dilemas fica invariavelmente, exposto a uma infinidade de interpretações do Islão de ideologia salafista e/ou *wahhabita*, que é proporcionada, maioritariamente, por familiares ou amigos, redes sociais, movimentos religiosos ou movimentos políticos, como a Irmandade Muçulmana, e mesmo extremistas, em discussões em

vários locais, como talhos *halal*, cafés, academias e grupos de estudo, associações de estudantes, organizações não governamentais e sobretudo na internet (Silber e Bhatt 2007, 30).

Em última análise, o indivíduo é alienado da sua antiga vida e, juntamente com quem partilha as mesmas ideias, valores sociais e políticos, através de pequenas dinâmicas de grupo reforçam a sua dedicação ao salafismo. Esta fase é caracterizada por um processo de auto-selecção através da qual os indivíduos, primeiro aderem ao grupo e depois radicalizam-se (Silber e Bhatt 2007, 31).

Nesta fase, surgem crises que obrigam muitas vezes, estas pessoas a procurarem outros militantes que seguem a mesma ideologia para se apoiarem mutuamente no confronto com o mesmo conflito interior. Posteriormente, estes grupos funcionam como incubadoras de extremistas nos círculos sociais, dentro da sua área social de influência. Durante a fase de auto-identificação, a progressão ou gravitação em relação à ideologia salafista aliada à frequência regular de mesquitas do universo salafista, são indicadores-chave que sugerem que a caminhada da radicalização é um processo em *continuum* (Silber

e Bhatt 2007, 31).

Ao longo desta caminhada, os militantes salafistas assimilam algumas características típicas que os identificam, como o desprezo e o abandono de tudo o que se relaciona com a vida anterior; relacionam-se ou participam em grupos que partilham a mesma ideologia e assim reforçam a coesão grupal na dedicação ao salafismo; deixam de fumar, beber, jogar e frequentar locais relacionados com o estilo de vida ocidental; bem como passam a usar o vestuário islâmico tradicional; deixam crescer a barba e envolvem-se com o activismo social e as questões da comunidade (Silber e Bhatt 2007, 31). Segundo a perspectiva de Wiktorowicz as questões de enquadramento económico, descontentamento social e político, resultante de vários tipos de discriminação e vitimização são variáveis que fazem parte da mais ampla abertura cognitiva de um indivíduo que, “ (...) geram incerteza nas crenças previamente aceites e tornam o indivíduo mais receptivo à possibilidade de visões e perspectivas alternativas” (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Em suma, uma crise de auto-identidade resultante de algum tipo de privação pode induzir a pessoa a novas ideias, possivelmente extremistas. Contudo, apenas porque as condições externas precipitam uma abertura cognitiva num indivíduo, tal não significa que esta ocorra necessariamente e, mesmo se não se verificar, não conduz automaticamente ao extremismo (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Assim, nem todo aquele que possa sentir o mesmo descontentamento opta por participar em tais movimentos, ao invés de aderir a organizações tradicionais ou não fazer nada. Afinal, a esmagadora maioria dos Muçulmanos são cidadãos pacíficos e cumpridores da lei que desejam integrar-se da melhor forma nos seus países de acolhimento. Mesmo para quem decide integrar um grupo, existem outros factores, como a capacidade para aderir a movimentos radicais que também afectam a decisão pessoal (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Quando a pessoa está mergulhada numa crise de identidade, precisa de encontrar algo para preencher esse vazio, que no caso dos muçulmanos,

muitas vezes é resolvida através da sua fé ou “busca religiosa”. Neste ponto, o indivíduo passa por um processo de tentativa e erro, procurando o conhecimento de forma independente, através de diferentes meios, sejam amigos e familiares, livros, *internet* e outros meios de comunicação ou sendo guiado por alguém, possivelmente de outras organizações religiosas, incluindo as radicais (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

No entanto, só porque alguém está a “testar as águas” em diferentes meios e tipos de conhecimento religioso não significa que esteja predisposto, de imediato e automaticamente, a participar numa causa radical. Em vez disso, esta fase de tentativa e erro, é “ (...) um processo de persuasão que se caracteriza pela discussão e debate, a troca de ideias através da qual os membros do movimento tentam convencer os candidatos de que a ideologia do movimento fornece as soluções lógicas e prementes para as suas preocupações. Neste sentido, o potencial candidato é um agente activo ao invés de um objecto passivo de doutrinação” (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Esta fase é particularmente perigosa porque, para além das condições psicológicas do indivíduo, que permitem a sua abertura cognitiva, devido ao maior nível de conhecimento religioso, este também fica mais susceptível às interpretações radicais do Islão. É durante estes diferentes debates e intercâmbios que o movimento radical tenta converter o indivíduo à sua ideologia ou reformular a sua visão do mundo (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Quando o interesse do indivíduo for despertado, inicia-se o processo de “socialização”, interagindo com outros membros que professam a mesma ideologia e participam em eventos do movimento. É também neste período que o indivíduo passa de um potencial candidato ao movimento, a um membro comprometido que interiorizou a ideologia do grupo e está num processo de reconstrução da sua identidade. Os outros membros, bem como a organização, vão-se desligando e afastando, progressivamente, da sociedade e assim reforçam a nova identidade (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

O DOUTRINAMENTO

A fase de doutrinação é aquela em que o militante, de forma progressiva, intensifica a sua crença e adopta totalmente a ideologia salafista *jihadista*. Nesta fase, considera, sem qualquer dúvida, que as condições e as circunstâncias requerem a sua acção e apoio na defesa da causa salafista ou seja, estamos na iminência da concretização de acções *jihadistas*, pelo que é necessária a presença de um *imã* ou líder espiritual que sancione e apoie as acções. Nesta fase, o aspecto fundamental é a aceitação de uma visão político-religiosa do mundo que justifica, legitima, incentiva e apoia a violência contra tudo aquilo que não seja islâmico (*kufr*), incluindo os cidadãos ocidentais e os seus aliados, bem como os muçulmanos com pensamento oposto à agenda extremista (Silber e Bhatt 2007, 36).

A mudança radical no estilo de vida e o isolamento que se segue, criam um vácuo que exige ainda mais orientação sobre como construir uma nova vida e identidade que suporte a ideologia recém-descoberta e adquirida (Silber e Bhatt 2007, 37).

Neste momento, os líderes religiosos desempenham um papel fundamental ao fornecerem orientações importantes sobre como viver cada detalhe da religião. Os *imãs* radicais assumem este papel desde a fase de auto-identificação, mas a sua influência é vital na fase de doutrinação, pois assumem a responsabilidade pelo desenvolvimento acentuado da dicotomia “nós” contra “eles” na designada guerra contra o Islão, e proporcionam a justificação teológica e moral para a *jihad* (Silber e Bhatt 2007, 37).

Nesta etapa da radicalização existem dois indicadores-chave para se perceber o posicionamento do militante: o abandono da mesquita e a politização de novas crenças. O abandono da mesquita que serviu de incubadora de extremistas e contribuiu no processo de formação e radicalização, acontece quando os militantes imaginam a *jihad* como um objectivo em si mesmo, e neste sentido, a mesquita deixa de servir as suas necessidades de radicalização ou consideram que

o nível de radicalização que atingiram supera o da mesquita. Outro aspecto a considerar é quando um militante se focaliza na acção e vê a mesquita como uma ameaça potencial ao expor as suas intenções, até porque estas começaram a ser alvo de uma vigilância apertada após os atentados de 11 de Setembro (Silber e Bhatt 2007, 36).

Relativamente à politização de novas crenças, como estes militantes adquiriram novas identidades baseadas na ideologia salafista, começam a transferir esta visão radical para o mundo real. Nesta perspectiva, vêm e analisam os diversos problemas e conflitos globais, através das lentes salafistas, como formas de ataques e conspirações contra o Islão e o mundo muçulmano. Assim, aquilo que era apenas uma ideologia transforma-se numa causa pessoal e passam a observar o mundo de uma forma dicotómica: de um lado, os crentes iluminados (os próprios salafistas) e do outro, os incrédulos ou infiéis (aqueles que não professam o salafismo) que consideram os seus arqui-inimigos (Silber e Bhatt 2007, 36).

O grupo assume um papel importante como facilitador do processo de abandono do anterior mundo secular e tudo aquilo que ele representa, passando a constituir a nova família do militante. Desta forma, o grupo substitui e supre qualquer necessidade de interacção com o mundo exterior formando uma célula coesa, baseada na partilha de uma identidade social, psicológica, ideológica e étnica (Silber e Bhatt 2007, 36-37).

Como já havíamos referido, a *internet* tem um papel importante durante todo o processo de radicalização. Neste processo, conforme os militantes vão progredindo, também evolui o modo como utilizam os recursos proporcionados pela *internet*. Durante a fase de auto-identificação, a *internet* serve principalmente como fonte de informação sobre o Islão e de local de encontro e partilha com outros militantes *online*. Com a proliferação agressiva da agenda e da ideologia salafista *jihadista* torna-se quase impossível alguém conseguir evitar confrontar-se com esta interpretação do Islão (Silber e Bhatt 2007, 37).



Na fase de doutrinação os militantes auto-submetem-se a algo similar a “lavagens cerebrais” e dedicam o seu tempo no mundo cibernético, a *sites* e salas de conversação (*chat rooms*) extremistas que reforçam as suas crenças, o seu compromisso e a legitimidade da causa. Deste modo, a *internet* torna-se uma “câmara de eco” virtual, funcionando como um acelerador no processo de radicalização e criando o caminho para a fase final da *ihadização*, em que os membros do grupo se desafiam e incentivam uns aos outros para passar à acção (Silber e Bhatt 2007, 37).

Actualmente, a *internet* é um recurso táctico de vital importância para a obtenção e difusão de instruções sobre a forma de operar, manusear e até manufacturar diversos tipos de armas, recolher informações sobre alvos potenciais, e fornecer justificações teológicas para os ataques e as operações de martírio (Silber e Bhatt 2007, 37). O exemplo mais recente, foi a publicação da primeira revista em língua inglesa, denominada *Inspire*,²² produzida e distribuída *online* pela filial da Al-Qaeda na Península Arábica.

A investigação de Wiktorowicz, em grande parte,

pressupõe que todo o processo de radicalização se baseia nas interacções humanas, indivíduo a indivíduo, subalternizando o papel da *internet*. No entanto, o seu âmbito é suficientemente flexível para que também lhe possa ser aplicado, avançando como exemplo hipotético de radicalização, unicamente a partir da *internet*, o seguinte (Wiktorowicz in Beutel 2007):

Abertura cognitiva – surge quando um jovem impressionável navega na *internet* e, inadvertidamente, depara com um *site* radical que ostensivamente mostra vídeos e fotos de civis muçulmanos a serem mortos na Chechênia, Caxemira, Palestina, Iraque, etc. A natureza gráfica do conteúdo e a forma como está enquadrado é tão forte que “choca” e induz uma abertura cognitiva.

A Busca religiosa - quem navega na *internet* com o objectivo de encontrar as respostas que fazem mais sentido para si.

O Enquadramento - o indivíduo começa a falar em salas de conversação públicas com alguém anónimo, pertencente a uma organização radical, e começa a discutir e a trocar ideias sobre política e religião.

22 - Já foram publicados *online* dez números da revista “Inspire”



A *Socialização* - depois de várias conversas em salas de conversação públicas na *internet*, o indivíduo e o militante radical tornam-se amigos, sendo o assunto, no mínimo indiferente para a ideologia do radical, começando a discutir em salas de conversação privadas, partilhar mensagens instantâneas ou navegar em *sites* que perfilham a ideologia radical.

Assim, é improvável que alguém possa radicalizar-se unicamente pela exposição a determinados *sites*, pois para que este processo seja mais eficaz, pelo menos, a etapa de abertura cognitiva ainda será de indivíduo para indivíduo. O mais provável, devido à extensa utilização da *internet* para o recrutamento e planeamento de ataques terroristas – é que este processo seja cada vez mais uma combinação de interações eletrónicas e humanas (Rogan *in* Beutel 2007).

Os estabelecimentos prisionais também desempenham um papel importante no reforço da radicalização. As suas características muito próprias, como o ambiente isolado, a possibilidade de gerar um ambiente que atraia os reclusos para a causa, a ausência de distrações no dia-a-dia, e sobretudo a numerosa população juvenil descontente, fazem

com que sejam um excelente e fértil terreno para a radicalização (Silber e Bhatt 2007, 39).

A JIHADIZAÇÃO

A *jihadização* é a fase em que o militante de um grupo ou de uma célula aceita e assume o seu direito individual de participar na *jihad* e se considera *mujahidin* ou *shahid* (mártir). Contudo, alguns elementos que chegam a esta fase não desempenham nenhum acto violento (FBI 2006, 8-9; Silber e Bhatt 2007, 43).

Esta fase integra o planeamento operacional, onde se inclui toda a preparação para a acção *jihadista* que inclui a selecção do alvo, o financiamento e a formação de células operacionais e, poderá culminar na realização de um ataque terrorista ou numa operação de martírio. Nesta fase, a dinâmica de grupo desempenha um papel muito mais proeminente, pois enquanto nas fases anteriores, os membros do grupo podiam ser meros conhecidos de encontros virtuais na *internet*, da universidade ou simplesmente amigos, na fase de *jihadização* o grupo torna-se muito mais sólido e coeso, sendo a lealdade o valor mais importante (FBI 2006, 8-9; Silber e Bhatt 2007, 43).

O “pensamento de grupo” funciona como um multiplicador de forças e, invariavelmente, abre o caminho para a acção, a qual constitui o objectivo do grupo e, neste sentido, cada membro é desafiado a aceitar a *jihad* como uma obrigação individual. Este acto de aceitar o dever individual de participar na *jihad* é, pela sua própria natureza, uma decisão muito pessoal e subtil, senão mesmo imperceptível, porquanto, normalmente, a única forma de se saber se alguém já passou por este marcador, consiste na observação, *a posteriori*, das suas acções subsequentes (Silber e Bhatt 2007, 43).

Esta decisão acontece nalguns casos, pela procura individual da oportunidade de cumprir a obrigação da *jihad*, enquanto noutros, é o grupo que decide em conjunto, quem vai executar a missão. Se o objectivo do grupo é a realização de um ataque, o próximo passo será a selecção de potenciais alvos e o planeamento operacional. Embora o compromisso de aceitar a *jihad* seja uma escolha individual, a decisão do ataque é determinada e conduzida pelo grupo que também escolhe o *modus operandi* a seguir. Contudo, o objectivo em qualquer ataque é sempre o mesmo e consiste na punição do Ocidente, até conseguirem derrubar a sua ordem democrática e restabelecer o Califado e a *Sharia* (Silber e Bhatt 2007, 43).

É importante salientar que, enquanto as outras fases da radicalização podem decorrer gradualmente, durante dois ou três anos, é na fase de *jihadização* que se define e decide o ataque, podendo este ocorrer rapidamente e com poucos sinais de aviso, chegando nalguns casos, a ser executado num prazo inferior a duas semanas. Esta fase pode ser subdividida em várias etapas, as quais podem ocorrer, não necessariamente de forma sequencial e com os seguintes indicadores (Silber e Bhatt 2007, 43):

Quando um militante de uma célula *jihadista* decide aceitar e/ou praticar a *jihad* procura uma oportunidade para catalisar a sua decisão e concretizar a missão. As viagens ao exterior, realizadas normalmente pelos líderes destas células, a campos de treino de militantes *jihadistas*, sejam no Iraque, Lémen,

Paquistão, Afeganistão, Caxemira, Somália, ou outro local, frequentemente contribuem para a decisão de um ataque *jihadista*, pois são eles que dão o impulso definitivo para a acção do grupo.

Relativamente à formação e preparação dos militantes de uma célula *jihadista* que decide passar à acção e realizar a *jihad*, estes começam por se isolar cada vez mais, passando a confiar apenas nos membros do grupo, reforçando a sua coesão e a disciplina interna. Normalmente, nesta fase, realizam todas as suas actividades em conjunto, principalmente actividades ao ar livre, como campismo, *rafting*, jogos de *paintball*, tiro ao alvo e simulações de manobras militares, que ajudam a definir os papéis e as capacidades de cada militante, assim como solidificam a coesão e o espírito de corpo do grupo que são vitais para a realização de um ataque bem coordenado e sucedido (Silber e Bhatt 2007, 43).

Contudo, como estas acções normalmente terminam com a vida dos seus autores, requerem um esforço permanente para a concretização da missão. Para a realização de operações de martírio, um dos requisitos críticos para o seu sucesso, é a convicção profunda e sem hesitações dos militantes que se vão transformar em mártires, dando a sua vida em prol do Islão e da causa salafista. Esta convicção é especialmente difícil de manter no ambiente ocidental, predominantemente secular, onde se valoriza a vida, o conforto e a prosperidade como objectivos de vida, ao invés do suicídio (Silber e Bhatt 2007, 44-45).

Mas cada ser humano é um caso único e os membros destas células, apesar do seu compromisso individual com a *jihad*, necessitam por vezes, de reforço psicológico adicional, o qual pode ser fornecido através da *internet*, concretamente, em *sites* extremistas, salas de conversação e fóruns *online*, assim como blogues, onde os militantes encontram apoio para aliviar fobias e receios e obtêm o sancionamento teológico necessário para a realização das acções (Silber e Bhatt 2007, 44-45).

Os vídeos *jihadistas* ajudam os militantes, a glorificar e immortalizar a sua morte na *jihad* como



um destino inevitável, transmitindo o testamento do terrorista suicida, onde este renova os seus votos extremistas, assegurando que a sua morte tem um sentido e a sua família continuará a ser honrada e admirada. Funcionam, simultaneamente, como meios de propaganda, ao difundirem a ideologia salafista *jihadista* e promovem o recrutamento, atraindo novos militantes (Silber e Bhatt 2007, 44-45).

Finalizamos, salientando que apesar dos vários milhões de muçulmanos que vivem na Europa, rejeitam parcialmente o estilo de vida ocidental, apenas uma minoria milita e apoia os grupos radicais e hostis ao Ocidente (Waldmann et al., *in* Ranstorp 2010, 61).

Contudo, o que poderá constituir um dilema de segurança delicado para a Europa, é se as redes radicais que existem nas franjas das sociedades europeias forem reforçadas e apoiadas pela juventude muçulmana, desorientada, desenraizada e marginalizada, principalmente devido à situação social, política, económica e financeira que actualmente vários países europeus enfrentam, conjugado com as incertezas geopolíticas geradas pelas revoltas no Norte de África e no Médio Oriente, que poderão despoletar campanhas em defesa do Islão salafista no contexto europeu e despertar senti-

mentos de apoio e de solidariedade, um pouco por todo o lado.

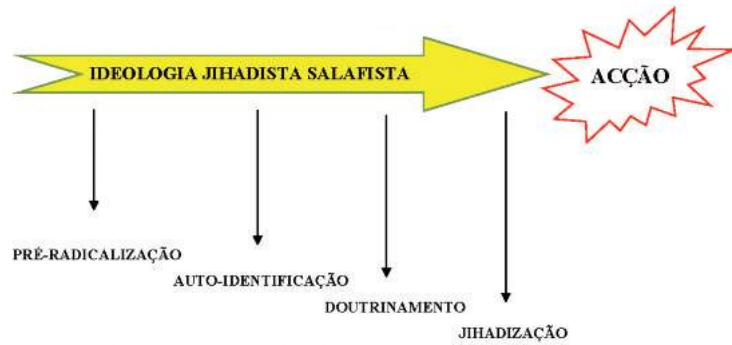
Este objectivo poderá levar ao questionamento sobre o Estado de Direito na Europa e a sua transformação numa espécie de Estado islâmico (Waldmann et al., *in* Ranstorp 2010, 62-63), que seria a génese da implementação do tão desejado Califado pan-islâmico, nomeadamente, pelos salafistas.

Apesar destes recentes acontecimentos analisados, como referiu Thomas Joscelyn²³, a actual rede do movimento *jihadista* mundial, liderada pela Al-Qaeda está geograficamente mais diversificada do que nunca e os seus grupos filiados combatem em mais países do que em qualquer outro momento, antes ou depois do 11 de Setembro de 2001 (Joscelyn 2013).

Por outro lado, o fluxo e refluxo da pressão internacional tem criado constrangimentos à Al-Qaeda, mas a rede tem demonstrado ter capacidade para lutar pelo seu território, quer seja em África, no Médio Oriente ou na Ásia Central e do Sul. Enquanto isso, o comando geral da Al-Qaeda (*core*) mantém santuários nas províncias afegãs de Kunar e Nuristan (Joscelyn 2013), continuando a manter uma ameaça ao Ocidente, como se verificou com o encerramento simultâneo de várias embaixadas dos EUA e de países europeus em todo o Médio Oriente.²⁴

²³ Depoimento realizado em 18/07/2013, perante a Comissão de Negócios Estrangeiros – Subcomissão sobre Terrorismo, Não-Proliferação e Comércio do Congresso dos Estados Unidos, disponível em http://www.longwarjournal.org/archives/2013/07/global_al_qaeda_affi.php.

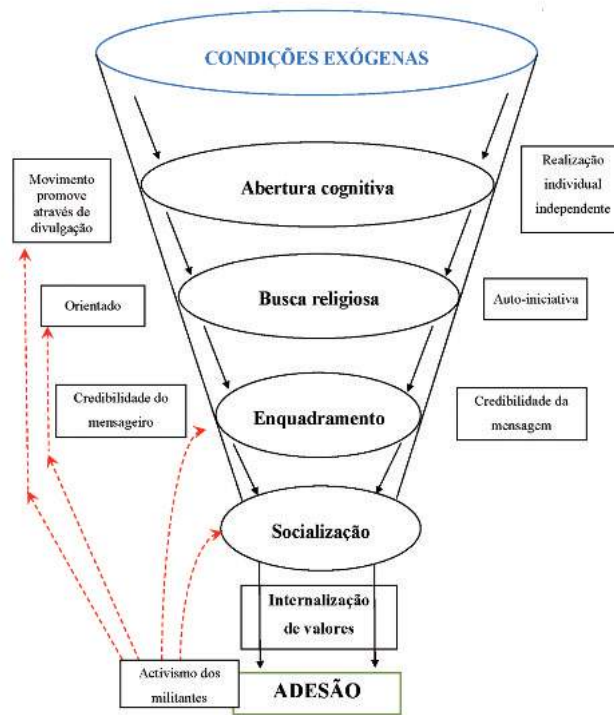
²⁴ Para mais informação cf. Saiz, Eva. 2013. Al Qaeda reaviva el peor temor de EE UU. *El País*, Madrid. 6 de Agosto, disponível em http://internacional.elpais.com/internacional/2013/08/06/actualidad/1375815233_287466.html.



ANEXO A:
Esquema das fases do processo de radicalização no Ocidente²⁵

O Processo de Radicalização no Ocidente			
PRÉ-RADICALIZAÇÃO	AUTO-IDENTIFICAÇÃO	DOCTRINAMENTO	JIHADIZAÇÃO
Motivação / Conversão - Crentes; - Desorientados; - Protesto/conversos; - Reinterpretação da fé. Estímulos - Individuais; Parentesco; - Relações de amizade; - Ambiente envolvente. Oportunidades/locais - Mesquitas; Escolas; - Internet; - Emprego; Prisão, etc.	Aceitação da Causa Nova Identidade social Isolamento acentua-se Componentes – chave Formação religiosa; - Dinâmica de grupo; - Activismo social e comunitário.	Integração num Grupo (social / terrorista) Imãs radicais são vitais Fortalecimento Id social Coesão do grupo Importância internet Visão político-religiosa do mundo “lentes” salafistas <i>jihadistas</i> NÓS ELES	Envolvimento em Atividades Extremistas • Direito individual de participar na <i>Jihad</i> ; • Pensamento de grupo. Atividades Operacionais - Planeamento; - Seleção de alvos; - Células operacionais; - Viagens Exterior; - Execução ataque(s).
↓ CONVERSÃO/ REINTERPRETAÇÃO NENHUMA ACÇÃO	↓ ACEITAÇÃO PROPENSÃO PARA A ACÇÃO	↓ CONVICÇÃO PRONTIDÃO PARA A ACÇÃO	↓ TERRORISMO IMPLEMENTAÇÃO ACÇÃO

ANEXO B:
Diagrama de Wiktorowicz para a adesão a um grupo religioso radical²⁶



25 Adaptado de FBI Counterterrorism Division. 2006. The Radicalization Process: From Conversion to Jihad. Federal Bureau of Investigation, Washington D.C., 10 de Maio, disponível em <http://cryptome.org/fbi-jihad.pdf>.

26 Adaptado de Beutel, Alejandro J. 2007. Radicalization and Homegrown Terrorism in Western Muslim Communities - Lessons Learned for America. Minaret of Freedom Institute, Bethesda, Maryland, 30 de Agosto, disponível em <http://www.minaret.org/MPAC%20Backgrounder.pdf>.

PELA LEI E PELA GREI

BIBLIOGRAFIA:

- Aristegui, Gustavo de. 2005. *La Yihad en España: La Obsesión por Reconquistar Al-Andalus*. Madrid: La Esfera de los Libros.
- Dayan, Daniel (coord). 2009. *O Terror espectáculo. Terror e Televisão*. Lisboa: Edições 70.
- Horgan, John. 2005. *The Psychology of Terrorism*. Londres: Routledge.
- Le Bon, Gustave. 2005. *Psicologia das Massas*. Lisboa: Ésquilo.
- Neumann, Peter R. 2008. *Joining Al-Qaeda: Jihadist Recruitment in Europe*. Abingdon, Oxon: Routledge.
- Ranstorp, Magnus (edit). 2010. *Where does the Radicalisation Process Lead? Radical Community, Radical Networks and Radical Subcultures*. Abingdon, Oxon: Routledge.
- Roy, Olivier. 2004. *Globalized Islam: The Search for a New Ummah*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Sageman, Marc. 2004. *Understanding Terror Networks*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Singer, Margaret Thaler. 2003. *Cults in Our Midst: The Continuing Fight Against Their Hidden Menace*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

JORNAIS E REVISTAS:

- Cardoso, Rui. 2013. Quando o inimigo mora ao lado. *Expresso, Lisboa*, 1^ª Caderno, 27 de Abril.
- Gomes, Kathleen. 2013. Depois da tragédia, da caça ao homem e da festa, uma pergunta: porquê? *Público, Lisboa*, 21 de Abril.
- Miguel, João Dias. 2013. A misteriosa vida dos Tsarnaev. *Visão, Lisboa*, n.º 1051, 25 de Abril.

WEBGRAFIA:

- AIVD. 2004. From Dawa To Jihad. The Various Threats From Radical Islam To The Democratic Legal Order. *Ministry of the Interior and Kingdom Relations, The Hague*, disponível em <http://www.investigativeproject.org/documents/testimony/49.pdf>.
- Al-Lami, Mina. 2009. Studies of Radicalisation: State of the Field Report. Politics and International Relations Working Paper, n.º 11. *Department of Politics & International Relations, University of London*, disponível em http://www.rhul.ac.uk/politics-and-ir/Working-Papers/RHUL-PIR-NPCU_Working_Paper-11_Al_Lami_Radicalisation_and_New_Media.pdf.
- Araújo, Cecília. 2013. O Perfil do Terrorista Moderno. *Veja, Rio de Janeiro*. 28 de Abril, disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/o-perfil-do-terrorista-moderno>.
- Beutel, Alejandro J. 2007. Radicalization and Homegrown Terrorism in Western Muslim Communities - Lessons Learned for America. *Minaret of Freedom Institute, Bethesda, Maryland*, 30 de Agosto, disponível em <http://www.minaret.org/MPAC%20Backgroundunder.pdf>.
- Burke, Jason. 2013. Al-Qaida: how great is the terrorism threat to the west now? *The Guardian, Manchester*, 29 de Janeiro, disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/2013/jan/29/al-qaida-terrorism-threat-west>.
- Cembrero, Ignacio. 2011. El CNI alerta de que seis países musulmanes financian el islamismo. *El País, Madrid*. 01 de Agosto, disponível em http://www.elpais.com/articulo/espana/CNI/alerta/paises/musulmanes/financian/islamismo/elpepiesp/20110801elpepinac_1/Tes.
- Cordeiro, Pedro. 2013. Um terror mais difícil de travar. *Expresso, Lisboa*. (1^ª caderno), 01 de Junho.
- DN. 2011. Serviços secretos: 6 países financiam islamismo espanhol. 01 de Agosto. *Diário de Notícias, Lisboa*, disponível em http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1940259&seccao=Europa.
- Editorial El País. 2012. Terrorismo en Toulouse. *El País, Madrid*, 22 de Março, disponível em http://elpais.com/elpais/2012/03/21/opinion/1332357871_241435.html.
- Euronews. 2013. América face a novas formas de terrorismo. *Euronews, Lyon*, 24 de Abril, disponível em <http://pt.euronews.com/2013/04/24/america-face-a-novas-formas-de-terrorismo/>.
- FBI Counterterrorism Division. 2006. The Radicalization Process: From Conversion to Jihad. *Federal Bureau of Investigation, Washington D.C.*, 10 de Maio, disponível em <http://cryptome.org/fbi-jihad.pdf>.
- Guardian. 2012. Anders Behring Breivik: the indictment. *The Guardian, Manchester*, 16 de Abril, disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/2012/apr/16/anders-behring-breivik-indictment>.
- Guardian. 2013. Criminal Complaint. United States of America vs Dzhokhar Tsarnaev. *United States District Court for the District of Massachusetts*, 22 de Abril, disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/interactive/2013/apr/22/dzhokhar-tsarnaev-criminal-complaint-charges>.
- Henriques, Joana Gorjão. 2013. O terrorismo sempre foi sobre teatro: os terroristas querem muita gente a ver. *Público, Lisboa*, 21 de Abril, disponível em <http://www.publico.pt/mundo/jornal/o-terrorismo-sempre-foi-sobre-teatro-os-terroristas-querem-muita-gente-a-ver-26416348>.
- Joscelyn, Thomas. 2013. Global al-Qaeda: Affiliates, Objectives, and Future Challenges. *The House Committee on Foreign Affairs Subcommittee on Terrorism, Nonproliferation, and Trade, United States Congress, Washington D.C.* 18 de Julho, disponível em http://www.longwarjournal.org/archives/2013/07/global_al_qaeda_affi.php.
- Lima, Bernardo Pires de. 2011. Que nos diz Anders Breivik. *Diário de Notícias, Lisboa*. 28/07/2011, disponível em http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=1933424&seccao=Bernardo%20Pires%20de%20Lima.
- Olsson, Peter A. 2013. Homegrown Terrorists, Rebels in Search of a Cause. *Middle East Quarterly, Filadélfia*, vol. 20, n.º 3, disponível em <http://www.meforum.org/3539/homegrown-terrorists>.
- Ongering, Lidewijde. 2007. "Homegrown terrorism and radicalisation in the Netherlands: Experiences, explanations and approaches", *Testimony to the U.S. Senate Homeland Security and Governmental Affairs Committee*, disponível em <http://www.investigativeproject.org/documents/testimony/292.pdf>.
- Pereira, Ana Fonseca. 2013. Londres extraditou para a Jordânia o pregador radical Abu Qatada. *Público, Lisboa*, 07 de Julho, disponível em <http://www.publico.pt/mundo/noticia/londres-extraditou-para-a-jordania-o-pregador-radical-abu-qatada-1599534>.
- Precht, Thomas. 2007. Homegrown Terrorism and Islamist Radicalisation in Europe: From Conversion to Terrorism. *Ministério da Justiça da Dinamarca*, disponível em http://www.justitsministeriet.dk/fileadmin/downloads/Forskning_og_dokumentation/Home_grown_terrorism_and_Islamist_radicalisation_in_Europe_-_an_assessment_of_influencing_factors_2_.pdf.
- Schmid, Alex P. 2013. Radicalisation, De-Radicalisation, Counter-Radicalisation: A Conceptual Discussion and Literature Review. *International Center for Counter-terrorism, The Hague*, ICCT Research Paper, disponível em http://www.icct.nl/download/file/ICCT-Schmid-Radicalisation-De-Radicalisation-Counter-Radicalisation-March-2013_2.pdf.
- Silber, Mitchell D.; Arvin Bhatt. 2007. *Radicalization in the West: The Homegrown Threat*. *New York Police Department Intelligence Division*, disponível em http://www.nypdshield.org/public/SiteFiles/documents/NYPD_Report-Radicalization_in_the_West.pdf.
- Smith, Craig. 2004. "Islam in Jail: Europe's Neglect Breeds Angry Radicals." *New York Times, Nova Iorque*. 8 de Dezembro, disponível em http://www.nytimes.com/2004/12/08/international/europe/08prisons.html?_r=1.
- Veiga, João Paulo Cândia. 2005. O Terror como Espetáculo. *Centro de Estudos das Negociações Internacionais, São Paulo*, disponível em <http://www.caeni.com.br/analise-caeni/item/128-o-terror-como-espet%C3%A1culo>.
- Yitzhak, Eduard. 2013. Síndrome de Yihad Súbito. *Grupo de Estudios Estratégicos, Madrid*. 24 de Maio, disponível em http://www.gees.org/articulos/sindrome_de_yihad_subito_9730.